

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

Viviana Schames Kreitchmann



**EXPERIÊNCIA TEATRAL
NA PREVENÇÃO DAS DST/HIV
A PARTIR DO PROJETO *VIDA POSITIVA!***

Porto Alegre, julho de 2010.

Viviana Schames Kreitchmann

**EXPERIÊNCIA TEATRAL
NA PREVENÇÃO DAS DST/HIV
A PARTIR DO PROJETO *VIDA POSITIVA!***

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Teatro apresentado ao Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licencianda em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos

Porto Alegre, julho de 2010.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS	4
RESUMO	5
APRESENTAÇÃO	6
MEMÓRIAS DE UM SER QUE TRANSITA	8
O berço que acolhe	11
O teatro que chegou para ficar	23
Hora de agir	27
TERRENO DE POUSO	31
Ambientando o lugar	32
A AIDS hoje em dia	32
É melhor prevenir do que remediar	35
Porque os jovens?	37
O lugarzinho escolhido	40
O Planejamento	40
A Prática	47
MOMENTOS DE ANÁLISE	54
Cuidando do Ovo	55
Rede de Interações	58
Doença X Saúde	60
Improvisações sobre os temas	61
Intervenção Cênica no Parque ou Criando Sentidos	62
O QUE FICOU...	65
Na mosca!	66
Tente outra vez	67
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	73

ÍNDICE DE FIGURAS

Capa Ilustração de Paul Bradley na "Sex Book" para arrecadar fundos para ajudar pessoas vivendo com HIV

(<http://lupavision.net/lupa/2007/04/09/life-condom>)

p.8 Garça desenhada por Roberto Scorzelli (<http://www.scorzelli.com.br>)

p.14 De palhaço na creche em apresentação para os pais (acervo da autora)

p.19 Sendo maquiada para apresentação do espetáculo O Mágico de Oz (acervo da autora)

p.31 Vírus do HIV

(<http://scrapetv.com/News/News%20Pages/Health/Pages/Study-shows-testing-for-HIV-increases-number-of-diagnosis-Scrape-TV-The-World-on-your-side.html>)

p.34 Etnias (<http://portal.unesco.org/en/ev.php>)

p.35 Pintura de Keith Haring. Ignorance = Fear, 1989

(<http://www.haring.com>)

p.49 Fotos feita por alunos durante o *Espectáculo A família do bebê* e na Usina do Gasômetro (acervo da autora)

p.52 Jovens em atividade de relaxamento durante oficina do Projeto (acervo da autora)

p.54 Grupo durante a oficina no momento de avaliação após atividades do dia (acervo da autora)

p.58 Pintura de Keith Haring (<http://www.haring.com>)

p.62 Apresentação de Intervenção Cênica na Praça da ENCOL (acervo da autora)

p.65 Jovens em atividade lúdica durante oficina do Projeto (acervo da autora)

RESUMO

O trabalho reflete sobre a experiência da autora, professora responsável por uma oficina de teatro realizada junto ao *Projeto Vida Positiva! Arte e Educação na Prevenção das DST/HIV*, realizado ao longo do ano de 2007 com adolescentes. O Projeto propunha-se a problematizar questões de saúde e sexualidade de jovens estudantes da Rede Pública de Ensino de Porto Alegre, no desenvolvimento de práticas artísticas por meio de oficinas de teatro, música e dança. Nesse sentido, o trabalho busca evidenciar situações em que o debate em torno da prevenção de DST/HIV potencializa-se na ação integrada da equipe de professores de arte e profissionais da área da saúde, em interação com os jovens envolvidos com a prática teatral.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho, apresentado na conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem por objetivo refletir sobre uma experiência teatral que desenvolvi junto a um projeto social que se propunha a trabalhar a temática da prevenção das DST/HIV através da prática artística desenvolvida em oficinas com jovens da Rede Pública de Ensino.

No primeiro capítulo, ao qual nomeei de *Memórias de um ser que transita*, verso sobre as influências que me levaram a gostar de teatro e mais adiante, a estudar teatro. Apresento ainda minha trajetória de aproximação ao campo da saúde, que se deu inicialmente através da identificação com o trabalho desenvolvido por meu pai, e exponho meu interesse em realizar uma aproximação entre as áreas do teatro e da saúde.

Como parte dessas memórias, enfoco a iniciativa em que se pretendeu a união entre essas disciplinas, que originou um projeto social chamado *Projeto Vida Positiva! Arte e Educação da Prevenção das DST/HIV*, sobre o qual disserto ao longo deste trabalho.

No capítulo seguinte, chamado *Terreno de Pouso*, ambiente o local onde se dá a minha reflexão, assim, abordo brevemente o histórico do vírus HIV, desde o seu surgimento, até hoje em dia, e reflito acerca da sua prevenção, mais especificamente em relação aos jovens. A partir desses dados, adentro na parte que denominei *lugarzinho escolhido*, na qual apresento as bases da estrutura do projeto *Vida Positiva!*, e busco reconstituir o momento em que o projeto saiu do papel e *ganhou vida* através de oficinas de artes.

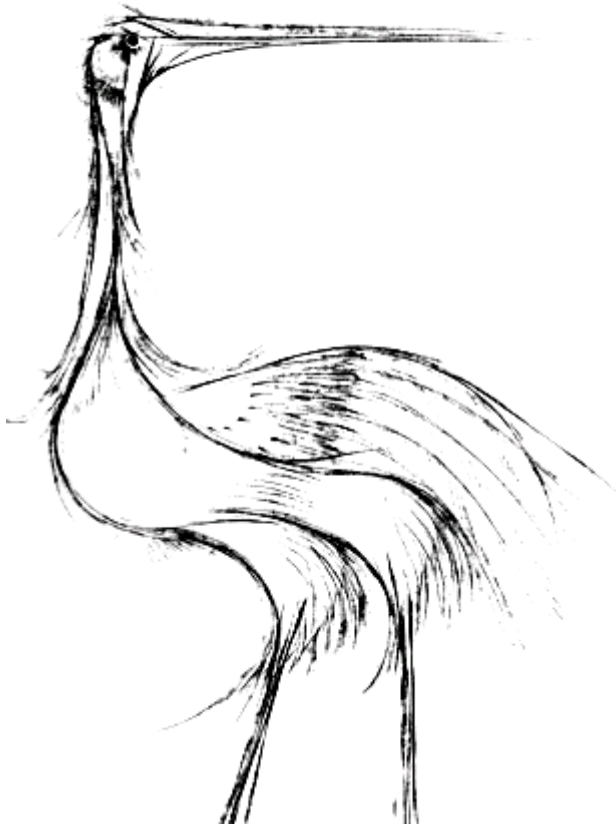
A seguir, em *Momentos de Análise*, analiso momentos do projeto em que foi possível observar resultados compatíveis com os seus objetivos, ou

seja, momentos da oficina em que a discussão e o debate sobre as questões propostas através da expressão artística foram mais visíveis.

Ao longo da análise procuro aprofundar conhecimentos teatrais, por ser esta a área de atuação para a qual a minha formação docente se direciona.

E, para finalizar, em *O que ficou...*, aponto aspectos positivos e negativos que pude observar na estrutura e execução do projeto. Nesse sentido, considero que os jovens que participaram do projeto foram beneficiados ao terem acesso a manifestações artísticas e terem experienciado a possibilidade de fazer as suas próprias criações a partir de reflexões a cerca de seu próprio universo.

O trabalho que apresento aqui é o primeiro passo para uma pesquisa que intenciono dar continuidade e aprofundamento a partir da realização de novos projetos que debatam a mesma temática. Acredito que através da sensibilização e do reconhecimento da força de expressão de cada ser, pode-se desenvolver autonomia para transgressão e intervenção do indivíduo no seu âmbito social.



MEMÓRIAS DE UM SER QUE TRANSITA

Primeiramente já trago aqui, na primeiríssima frase, como maneira de situar o tempo, o espaço e os motivos que me levam a redigir este trabalho, que tudo o que está escrito a seguir é resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde estudei durante intensos quatro anos e meio. O curso tem duração de quatro anos, se for seguido como sugere a grade curricular. Muitos fatores me levaram a permanecer cursando-o por mais um semestre, dentre eles, o fato de que a quantidade de disciplinas eletivas que me interessam é tão grande que acabei fazendo todas as possíveis, desde as práticas até as teóricas. Inclusive durante o semestre em que escrevo este trabalho, sou aluna da disciplina de *Teatro do Oprimido, Laboratório Experimental de Teatro IV*, cujo conteúdo é a técnica do *Clown* e do *Grupo Experimental de Dança da Cidade* vinculado a Prefeitura de Porto Alegre.

Desde o início da minha formação acadêmica e da minha atividade como atriz e como educadora, tenho a ideia de que a prática de uma pessoa ligada ao teatro deve ser constante. As descobertas não terminam e teoria e prática se alimentam uma da outra. Pude perceber isto quando, durante a minha graduação tive semestres em que só cursei disciplinas na Faculdade de Educação. Este fator dificultou o trabalho prático de docência que eu realizei naquele período, porque o teatro não estava sendo vivenciado no meu corpo naquele momento. Assim sendo, desde então procuro conciliar as atividades para que enquanto desenvolvo um trabalho docente, esteja me instrumentando, renovando e experimentando no meu corpo, para o melhor aproveitamento tanto de um lado como de outro.

A Universidade em si é bastante acolhedora, pois mesmo não tendo um único campus, cada um deles tem ambientes de convívio entre os alunos, cada um a seu modo, localizados em vários bairros da cidade de Porto Alegre, cidade onde nasci e cresci. O Departamento de Arte Dramática, onde

está situado o Curso de Teatro, encontra-se no Centro da cidade. E este bairro foi justamente onde morei desde que nasci.

O centro de Porto Alegre é um bairro bastante antigo e talvez por isto mesmo, muito instigante. O movimento intenso de pessoas nesta região me fascina de tal modo que muitas vezes posso sentar num banco na rua e apenas observar as milhares de situações que acontecem naquela fração de momento e lugar.

Nos parágrafos a seguir compartilho alguns momentos da minha trajetória individual que acredito terem sido fatores importantes na formação do meu ser, e para o desenvolvimento deste trabalho.

O primeiro passo para a escrita deste trabalho foi escolher o assunto sobre o qual me debruçar. Esta simples escolha me foi bastante difícil. Dentre infindas possíveis áreas relacionadas à área do teatro, muitas me interessam e talvez por este motivo a intranquilidade na realização desta tarefa. No decurso da vida escolar, não construí o hábito de escrever e dissertar sobre o que penso. Os pensamentos vêm e os solto como emoções que transbordam e assim por diante, a cada nova ideia que apareça. É bem verdade que penso bastante sobre o que me interessa, me encanto com certas coisas, me inquieto com tantas outras, e ponho pra fora pela fala, por vezes mal articulada, gerada por sensações em andamento. Mas caso eu seja desafiada a escrevê-las, gelo. Porque um relato escrito tem outro peso, ele permanece. E principalmente: precisa ser entendido por quem o lê. Percebo que esta não é uma dificuldade que enfrento sozinha, mas que ela seja uma lacuna na educação que recebemos no Brasil, comum tanto ao Ensino Público como ao Ensino Privado. De modo que, mesmo tendo eu estudado em escolas particulares, observo esta falha no modo como é conduzido o aprendizado na Escola. Não é comum que nas escolas se estimule à escrita e nem a qualquer articulação de pensamento crítico. Então aqui farei este esforço de trazer o que penso da maneira mais viva que puder e escrever claramente.

O berço que acolhe

Nesses 24 anos vividos na cidade de Porto Alegre, posso fazer algumas considerações sobre o que tenho experienciado partindo do ponto primordial na formação da minha personalidade: a família. Dentre os jovens com quem convivo, considero-me uma exceção. Ou seja, conto com apoio dos familiares mais próximos, entre os quais meus pais, tios e primos, nas escolhas que faço. Isso inclui fazer teatro! E isto, pelo que vejo ao redor é raridade, por que não é habitual ver-se o teatro como algo sério. Quando digo “sério” penso no conceito que traz o dicionário Aurélio (2006) “que merece atenção, cuidado, importante. Que tem valor, mérito”.

O outro aspecto que faz de mim uma exceção é o fato de que faço parte de uma mínima parcela da população brasileira que conta com recursos financeiros, ou seja, nasci em “berço de ouro”. Minha família não conta com recursos de sobra, mas também estes não nos faltam e isso já é muito onde vivemos. Deste modo, sempre me alimentei bem de comida e do que mais me interessasse. Na realidade o que quero dizer é que independente dos recursos financeiros esta família a qual pertenco conta com um recurso ainda mais valioso, a afetividade e respeito. Pude desde pequena experimentar muitas atividades, incentivada por brincadeiras e momentos de criação proporcionados por meus pais. Dentre as atividades que quis experimentar estão atividades físicas como a ginástica olímpica, o sapateado, a dança folclórica israeli, balé, teatro, capoeira, dança afro, dança contemporânea e acrobacia aérea. E ainda atividades de expressão plástica como, cursos de desenho animado, papel machê e artesanato com linhas. Ter praticado estas atividades com diferentes focos demonstram o quanto sempre fui, desde pequena, estimulada e instigada por meus pais a realmente fazer aquilo que achava legal.

Para começar minha história, antes mesmo que eu sonhasse em existir, muita coisa aconteceu que fez com que eu seja quem sou. Meses antes que eu viesse ao mundo, meus avós maternos, Abrahão e Eva, faleceram. A minha chegada foi bastante esperada, pois após uma grande tristeza a família inteira queria receber esta grande alegria. E mesmo sem ter conhecido meus avós, sempre ouvi boas histórias sobre eles, principalmente dele, o vô Abrahão. Inúmeras vezes me contaram “causos” dele e seus personagens; dizem que andava nas ruas como manco e que os carros paravam para ele passar. Ele lutava judô quando jovem, e a luta costumava ser encenada. Definiam entre os amigos quem ganharia, quem perderia, e faziam da luta um espetáculo de dança.

Os pendores para a dramatização levaram meu avô a envolver-se em algumas montagens de teatro na cidade de Porto Alegre. *O doente imaginário*, de Moliere, foi uma delas. Também soube que participou da descoberta e pesquisa sobre o trabalho do grande dramaturgo da cidade de Triunfo, Qorpo Santo, realizadas no Clube de Cultura de Porto Alegre. Parece que se envolvia mesmo com esse negócio de fazer teatro. Numa montagem, contam que ele fez o papel de um romano que crucifixava Cristo e, por não gostar do ator que fazia o filho de Deus fincava-lhe a coroa de espinhos com toda força na cabeça, apenas para se divertir. Noutra encenação, sobre a qual não encontrei dados muito precisos, interpretou um bispo e, dizem, ter sido este o grande papel da sua “breve carreira”, e que a atriz Rosamaria Murtinho, que fazia parte do elenco convidou-o a juntar-se a sua companhia de teatro em São Paulo, o que não se concretizou, pois ele optou por se casar e dar continuidade ao Curso de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, concluído em 1957.

Desse casamento, no ano seguinte, em 1958, nasceu minha mãe, Liane, a filha mais velha de quatro irmãos. Depois dela logo vieram os outros. A família convivia num ambiente saudável de união. Apesar de desorganizado no trabalho e ter tido alguns problemas físicos em virtude

disto, meu avô demonstrava ter bastante interesse pelas questões que os filhos viviam. A relação de admiração e identificação que minha mãe cultivava pelo pai está bastante clara. Não por acaso minha mãe cursou o mesmo curso que ele, inclusive na mesma universidade.

Durante a infância de meus tios e minha mãe era habitual saírem para pescar nos finais de semana ou ir à parques fazer piqueniques com os pais. Havia uma brincadeira habitual que faziam: maquiarem-se. Meu avô e os filhos se pintavam e vestiam-se de vampiro ou corcunda pra assustar a empregada que trabalhava na casa, ou os parentes que frequentavam a casa. Meus tios, claro, adoravam essas brincadeiras com o pai. É por todas essas imagens que tenho verdadeiro fascínio pela figura dele. Percebo que faço parte dessa família, sinto-me conectada e parecida, não só com meu avô, mas com todos meus tios e primos. Temos uma ligação forte de verdade. Todas essas histórias me são muito caras e sei que devem ser contadas de maneira romântica por meus tios que o admiram, e talvez por isto, desde pequena, cultive um carinho inestimável pela figura desse avô.

A identificação que percebo existir entre mim e a família da minha mãe tem haver com tipo de relação que construímos uns com os outros, os programas de lazer e de trabalho que apreciamos e o senso crítico que cultivamos sobre a sociedade. Um bom exemplo para isto são minhas idas ao teatro com minha madrinha, a tia Kátia, irmã mais nova da minha mãe. Ela me levava quase todos os finais de semana, um fator que facilitava era o local onde morei desde que nasci. O prédio foi construído por meu avô Abrahão, e fica na frente do local onde funciona o Teatro do Museu do Trabalho na Rua dos Andradas. Recordo também de assistir peças na Casa de Cultura Mario Quintana. As salas que pareciam tão grandes, hoje parecem ter diminuído. Minha tia tinha muitos amigos atores que nos convidavam para os espetáculos. Desde então comecei a minha experiência como público de teatro, que mantive depois quando eu mesma podia escolher os

espetáculos que queria assistir que depois vieram a me contagiar de tal modo que comecei a querer estar no palco também.

Tenho registros fotográficos de quando era ainda bem pequena nas festinhas da creche que frequentei, a *Bem Me Quer Alegre*, onde apareço de bailarina, palhaça, entre outros figurinos do tipo. Agora que curso Licenciatura em Teatro, e interajo com teóricos ligados à educação, percebo como a escola costuma valorizar excessivamente a prática teatral ligada a datas comemorativas. É o chamado *teatrinho* (SANTOS, 1999, p.124):

Tais práticas constituem, por assim dizer, uma tradição cultivada nos mais diferentes tipos de instituições que se dediquem à infância; que muitos professores, desconhecendo o desenvolvimento do jogo infantil e menosprezando a capacidade de criação dos seus alunos, que tenderiam a efetiva teatralização, só fazem promover o exibicionismo, pois tolhem as manifestações espontâneas do grupo de crianças que, naturalmente, tenderia para a reciprocidade e para a cooperação.

Sobre isso, COURTNEY (1968, p.52) coloca:

A teoria psicológica demonstrou que o fato de uma criança representar perante uma platéia antes que esteja preparada para isso pode causar-lhe um dano efetivo - pode produzir uma tendência à exibição ao invés do espírito de cooperação e sentido grupal que é essencial para a integração no jogo dramático.

Passei a questionar a produção de manifestações artísticas feitas desta maneira. Assim, acaba não sendo saudável para a criança, que não tem oportunidade de criar e deve cumprir as determinações do professor. Isto gera um efeito oposto ao esperado, pois as crianças expõem-se a situações constrangedoras como esquecer o texto, tropeçar e até fazer xixi nas calças, ali mesmo no palco. (SANTOS, 1999, p.125) penso ser importante que o profissional da área de teatro esteja junto na realização desta tarefa. Porque é alguém que, a meu ver, pode fazê-lo de maneira inclusiva, juntamente com outros profissionais que tenham



interesse no potencial criativo e criador dos alunos. Deste modo com um resultado estético mais poético em que o trabalho não tenha como objetivo principal o produto artístico, mas o desenvolvimento criativo do grupo que vivencia este processo artístico.

Esses *processos* de experimentação, assim como a apresentação da encenação (*produto teatral*), instauraram novas necessidades de investigação e desejos de realização, por parte dos alunos, dentro dos colégios, redirecionando a minha atuação como professor de Teatro. Assim, a cada ano, as Oficinas de Teatro são alimentadas e reorientadas, articulando o conhecimento com a realidade e as expectativas de aprendizagem dos alunos. Buscamos instaurar na escola um processo contínuo de experimentação e investigação coletiva, objetivando tornar as oficinas um espaço aberto não só para os alunos e para o aprendizado artístico, mas para todos que desejarem compartilhar e ajudar-nos nessa tarefa (GAMA, 2002, p 265).

Ainda bem pequena, quando tinha dois anos de idade estive com meus pais na Argentina por um mês, pois meu pai é ginecologista e obstetra e estava acompanhando a parte de diagnóstico pré-natal de HIV e AIDS no início da epidemia em um hospital de lá. A partir daí seu foco de trabalho se direcionou para a área da gestante soropositivo e com o tempo toda a família se interessou em conhecer mais sobre as questões com as quais meu pai trabalha. Quando seu trabalho por lá havia terminado, voltamos para Porto Alegre.

Dessa viagem para Argentina eu voltei com um apelido criado por meus pais. Eles me chamavam de *Bibica Rúbia Linda do Circo*, nome pronunciado no mais perfeito *portuñol*. E com este nome eu liderava um circo inteiro sozinha. Esta brincadeira que criamos deu origem aos “famosos” *shows* na sala de casa onde eu, a única e principal personagem, entrava ao som das palmas e cantorias dos papais corujas e seus amigos. Sempre cambalhotando e imitando qualquer animal que me era solicitado. Estas foram minhas primeiras performances. Eles me anunciavam e eu fazia de conta ser animais, bailarina, palhaço, acrobata, me sentindo feliz de fazer os outros rirem das minhas palhaçadas. Eu tinha em torno de três anos nessa

época, então muitas das minhas memórias são alimentadas pelas imagens que crio a partir do que conta minha mãe a respeito.

Quando fiz quatro anos de idade saí da creche e passei a estudar no Colégio Israelita Brasileiro. A escolha por este colégio está relacionada com a minha origem judaica, por parte de pai e mãe. Nesse colégio eu pude me aproximar dessa cultura de maneira mais enfática, já que meus avós maternos e meu avô paterno haviam falecido e normalmente são estes os entes que mantêm viva a cultura judaica.

No Colégio Israelita eu passei a conhecer as músicas, festas e danças judaicas. A escola proporciona muitas atividades extraclasse e há o ensino de artes plásticas, música, dança folclórica em diferentes fases da vida escolar. Deste modo os alunos acabam frequentando a escola em mais de um turno.

Assim, desde que ingressei no Israelita comecei e não parei de praticar atividades extraclasse. A primeira delas, quando eu estava no jardim de infância, foi a Ginástica Olímpica. Nos anos seguintes o mestre Tucano do grupo Nação começou a dar aulas de capoeira no colégio e eu comecei a praticar. Ele me batizou como *Garça*, pois todos ganham um nome relacionado à sua personalidade e aparência física, no meu caso as pernas longas me renderam este nome.

A dança israeli era obrigatória, mas eu gostava muito, diferente da maioria dos colegas. As danças em sua maioria eram circulares, este é um dos fatores que me aproximava das aulas. Sempre me atraiu dar as mãos e ir junto com todo o grupo na mesma direção. Todo ano nos apresentávamos no Salão de Atos da UFRGS, adorava os bastidores daquele gigantesco teatro, os camarins, as luzes, a marcação de palco, e principalmente a hora do show! Cheguei a ir para São Paulo duas vezes apresentar danças folclóricas no maior festival do gênero chamado Carmel, que acontece no Clube Hebraica.

Já as aulas de teatro no Colégio Israelita começavam na 5ª série com jogos e muito trabalho de grupo. E foi ali que encontrei meu lugar, logo no

início das aulas me identifiquei com o tipo de trabalho que ali era feito. Um ano depois eu e alguns colegas continuamos com o grupo fora do horário de aula e a professora Heloísa Palaoro, a Lolô, nos dirigiu numa peça escrita por um aluno mais velho do colégio, o Gabriel Besnos.

A peça chamava-se *Bailei na rua*. Representei a personagem Maria Aparecida, líder de uma gangue de meninos de rua, que conhece uma menina muito rica e mostra a ela a vida na rua. O trabalho foi bastante divertido e mexia muito comigo inclusive pela temática. Eu tinha vontade de conhecer mais a rua e outras pessoas de fora da comunidade judaica, então me identificava com a trama. Além disso, todo o aprendizado do trabalho de grupo foi marcante, dependíamos uns dos outros, se um faltava ao ensaio, todos perdíamos. Quando alguém propunha alguma coisa para a cena experimentávamos e conversávamos a respeito em seguida. Isso, eu não tinha aprendido nas outras disciplinas.

Nos apresentamos no teatro da Companhia de Arte¹, onde estavam presentes pais e amigos, todos apoiando os pequenos e corajosos atores que tremiam nos bastidores. Aquela sensação é inesquecível! O frio na barriga e o abraço coletivo silencioso me fizeram sentir viva, uma experiência ainda não experimentada e depois muitas vezes repetida.

Paralelo a isso, em casa eu mantinha com a família as brincadeiras de apresentação, por exemplo, ensinava meu tio e padrinho, o tio Sid, tudo que aprendia nas aulas. E a partir disso fizemos coreografias de sapateado, campeonato de caretas e apresentávamos nos almoços de domingo. Nós éramos solicitados a fazer nossos números pela família.

Também ao longo destes anos de menina pequena, por ser a mais velha dos primos por parte de mãe, eu dirigia, ou seja, dava uma organizada na coisa, sugeria quais os espetáculos que faríamos no verão. Assim era, e sempre nos divertíamos muito, criando figurinos, cenários, histórias e

¹ Sala de espetáculo localizada no centro de Porto Alegre.

personagens. Baseados em livros e na nossa própria imaginação fértil. O resultado, penso que era interessante, visto que algumas das peças tivemos que apresentar várias vezes a pedidos dos espectadores. Principalmente, o que lembro era a diversão; passávamos a tarde brincando de pirata, sereia, reis e madrastas, criando personagens, trilhas sonoras entre outras coisas, sem ver o tempo passar. Segundo Lopes (1989, p. 76):

Observando o *faz-de-conta* da criança percebemos sua originalidade na transmissão do que capta e como capta a vida. É a fantasia que redimensiona a sua experiência nessa fase, tornando o jogo do *faz-de-conta* uma das etapas do jogo dramático mais rica em criatividade e expressão, absolutamente espontânea, não racionalizada.

Em determinado momento, um pouco mais velha, comecei a criar e contar histórias de terror terríveis em festas de aniversário de amigos e encontros familiares. Eu me colocava como protagonista da história, como se o que contava tivesse acontecido comigo. Alguns choravam assustados com a imagem formada pelo meu rosto iluminado apenas por uma lanterna junto aos gritos de sofrimento. Há pouco tempo encontrei com colegas do meu primo e elas se lembraram de como eram assustadoras as histórias que eu contava e como não conseguiam dormir depois. O engraçado é que percebi que a temática estava sempre relacionada com o trabalho do meu pai, fetos mortos, gestantes parindo no cemitério, pedindo carona ou coisas do gênero.

Próximo da época em que comecei a fazer teatro no colégio, entrei no curso de teatro da Companhia Teatro Novo² onde me mantive como aluna por três anos. No final de cada semestre apresentávamos uma peça. Lembro que gostava mesmo do início do ano, quando podíamos jogar, e não apenas decorar textos e ensaiar a marcação como acontecia depois, ao longo de todo ano. A partir do momento em que a preocupação dos professores era o espetáculo, o produto final, a criação era pouco contemplada e assim se tornava menos divertida. É claro que em alguns momentos houve jogos,

² Companhia de teatro fundada em 1978, em Porto Alegre, dirigida por Ronald Radde, que mantém, além de espetáculos adultos e infantis, uma escola para crianças e adolescentes.

improvisações entre outros, mas o que questiono em relação a este tipo de prática é que quando começávamos a ensaiar algum texto, perdíamos uma parte do lúdico. Sobre isso, LOPES (1989, p. 65) considera:

O ensino da arte em moldes tradicionais e estetizantes pode ser questionado, pois se limita a formar indivíduos com conhecimentos técnicos da arte de dramatizar, sem, com tudo, expandir a sua criatividade e a sua capacidade expressiva que, para atingir a extensão do que significa ser ator, necessitam transbordar do palco para sua atuação na vida e vice-versa.

Dentro das montagens que realizei nos cursos da Companhia Teatro Novo estão: *Assombração*, *O Mágico de Oz* de L. Frank Baum, e *Sonho de uma Noite de Verão* de Shakespeare. Neste último, houve um trabalho com máscara neutra, curto, mas bastante interessante. A respeito de máscaras, posso destacar um interesse particular que desde pequena desenvolvi. Sinto-me enfeitiçada com as figuras formadas por máscaras. Tanto é que, quando menor, por volta dos oito anos fazia com meu pai e meu irmão máscaras com caixas de leite, as virávamos, pois por dentro são prateadas, e as coloríamos com glitter e purpurina. Nossa idéia sempre foi dar expressões intensas às máscaras. Já no teatro, trabalhar com máscara neutra, justamente o oposto, tirar a expressão do rosto e levá-la ao corpo me ajudou a ver as possibilidades do trabalho do ator. Neste mesmo processo de criação, trabalhamos com os elementos da natureza: fogo, ar, água e terra. A partir deste trabalho foram definidos os personagens, quem interpretaria quem. Desta prática me foi dado o personagem de Titânia, a rainha das fadas. No *Mágico de Oz*, fiz a Bruxa Má, então podia extravasar todas as coisas ruins que tinha em mim, podia gritar e xingar bastante. Quer algo melhor do que poder ser mau? Eu aproveitei a oportunidade.



Em 1998, troquei de escola, saí do *Colégio Israelita* e fui para o Leonardo da Vinci, pois já não aguentava estar

sempre só com pessoas da comunidade judaica, aquilo me deixava mal, queria descobrir outras pessoas, abrir novas portas e criar oportunidades. Por um lado é muito legal pertencer a uma comunidade, mas em muitos momentos, as pessoas se fecham e tudo o que eu queria era me abrir pro mundo. Para não perder totalmente o vínculo com os amigos que eu fiz no Israelita comecei a participar de um Movimento Juvenil Judaico chamado *Habonim Dror* que significa *Construtores de Liberdade*.

Em Porto Alegre existem três movimentos judaicos, um deles defende a política de direita em Israel, ou seja, o exército e a conquista de mais territórios por parte dos judeus; um apolítico e o *Habonim Dror*, que defende a esquerda. Nós defendemos o partido *Avodá*, partido dos trabalhadores, que quer a paz mesmo que isso signifique dar terras de Israel para os países árabes. O Dror tem uma sede no bairro Bom Fim, bairro tradicionalmente judaico, e ali nos encontrávamos todos os sábados à tarde.

No início eu participava de atividades em grupo tratando sempre de questionamentos relacionados ao judaísmo (ser judeu, Israel, festas religiosas, diáspora, sionismo, holocausto, guerras, tradições, antigo testamento, etc.). E já aos quinze anos a gente começa a ser quem dá essas atividades para os menores. Interessante é que tudo é trabalhado com gincanas, jogos, músicas, peças, tornando tudo muito interessante e divertido. A minha experiência como aluna de teatro me facilitou muito no momento de criar atividades para as crianças. Muitas vezes parti de algum jogo que aprendi no teatro e transformei adaptando para o tema que queríamos trabalhar.

Nas férias de inverno e de verão tem encontros com gente de todo o país que é deste movimento. E em cada encontro existe um tema central para cada grupo. Cada grupo é dividido por idades e é misto. A minha participação no movimento foi bastante intensa até que comecei a discordar do pensamento do grupo. Tem um momento que se vai passar um ano em Israel, e quando chegou a minha vez, quando fiz dezessete anos, resolvi sair,

porque não gostaria de servir o exercito lá, nem ir viver num país em constante guerra. Percebi que eu não tinha a veia sionista que pensava ter.

O interessante é que no *Dror* pude começar a exercer meu lado pedagógico, estudar sobre determinado tema e junto com outras pessoas organizar a maneira de abordá-lo. Muitas vezes escolhemos a encenação e levávamos a sério todos os aspectos da mesma. Em uma das vezes, eu fui o Faraó do Egito quando contamos a história de Moisés. Até hoje quando encontro algumas pessoas daquela época ainda vem comentar como foi legal aquele trabalho.

Já no *Colégio Leonardo da Vinci*, me afastei do teatro, lá até o esporte é pouco explorado porque o importante é o vestibular e ponto. Ali é priorizada uma educação tradicional e bastante formal. Mesmo assim o que havia de atividades extraclasse no colégio eu participava. Entrei para o time de vôlei e de handebol e para a dança afro. O vôlei eu escolhi porque minha família tem uma ligação forte com este esporte. Meus pais se conheceram num clube jogando vôlei e meu pai chegou a fazer parte da seleção gaúcha, hoje meu irmão também é apaixonado pelo esporte e joga com os ex-colegas de colégio.

Voltando para a escola; nos últimos anos da vida escolar entrei para o grêmio estudantil e a nossa gestão criou competições entre as turmas para doação de alimentos e roupas, desfiles com premiações, dos quais também fiz parte, festa junina e mostras de bandas e danças.

A idéia de mudar de escola foi boa, conheci pessoas que hoje são grandes amigos, lá tive meu primeiro namorado. Principalmente, foi uma maneira de abrir horizontes e conhecer outras perspectivas de vida. O que eu não gostava era a idéia de escola em si, me interessava por poucas aulas. Hoje vejo que tinha pouca maturidade para aprender certas coisas da maneira que eram ensinadas, muitas vezes sem entender a aplicação prática do conteúdo em questão. Em alguns momentos eu estava presente

corporalmente, mas com a cabeça em todas outras questões que para mim eram mais importantes no momento.

Ainda assim consegui concluir o Ensino Médio no tempo certo, no final de 2002 com péssimas notas, apenas o suficiente para poder passar. No primeiro vestibular não sabia bem o que queria, pensei em Engenharia Florestal. O curso era na cidade de Santa Maria, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, tinha vontade de sair da cidade e este era um dos motivos de querer este curso. Acabei me decidindo por Comunicação Social – Relações Públicas mesmo sem saber muito bem o que era isso. Passei na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre e em 2003 dei início ao curso.

Neste mesmo ano resolvi criar coragem e fazer coisas que eu gostava, e que há muito tempo estavam engavetadas. Entrei para um grupo de dança contemporânea chamado Phoenix. Eles estavam ensaiando um espetáculo bastante criativo, só com músicas brasileiras. A idéia era trazer elementos da capoeira, samba, e outros símbolos do país. O professor e diretor, Edison Garcia, me deu a oportunidade de tentar entrar para o elenco, e caso ele achasse que eu não estava conseguindo acompanhar o grupo me diria para sair. No fim consegui participar. Perder essa boquinha? O espetáculo chamou-se *Quá quará quá quá*. Foi uma grande experiência, com liberdade de movimentos, e a possibilidade de entrar em cartaz durante um mês no Teatro do Museu do Trabalho, tudo lindo, sem deixar de ser cansativo, pois nos encontrávamos três vezes na semana no turno da noite.

Depois de muito me enganar e aguentar uma faculdade que não me estimulava em nada e sem saber até hoje como continuei por tanto tempo na inércia, fui em julho de 2005 passar as férias em Florianópolis, em Santa Catarina e não voltei para a Faculdade no semestre seguinte. Minha tia vive lá com meus primos, na praia do Campeche, uma praia tranquila no sul da ilha. Quando cheguei comecei a trabalhar com um espanhol que conheci no Fórum Social Mundial. Fazíamos bolinhos de cereais, aos quais chamávamos de *Haribo* e vendíamos em diversos lugares. Ele vivia num terreno bem no

alto de um morro na praia da Armação, uma linda praia que fica mais ao sul da ilha e ainda é bem pouco habitada. O terreno dele era o último antes de área de preservação, tinha uma vista para a praia invejável! Lá, no pé do morro tinha uma escola de circo que alguns uruguaios e paulistas coordenavam. Comecei a aprender trapézio, tecido e malabares. Na verdade já tinha alguma prática nessas áreas por ter feito aulas em 2004 no Depósito de Teatro com a Verinha Carvalho que hoje está no Rio de Janeiro, no Centro de Movimento Deborah Colker.

Em Florianópolis participei de alguns encontros de estudo de agroecologia e agricultura orgânica. Foi então que decidi fazer vestibular na Universidade Federal de Santa Catarina para Agronomia e, como o curso de teatro lá só existia na Universidade do Estado de Santa Catarina e o vestibular era em julho, eu não quis esperar mais um ano e tentei vestibular para Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sempre tive muitas áreas de interesse o que me leva a ter muitas dúvidas no momento de fazer escolhas mais significativas. Acabei passando nas duas, mas só fiquei sabendo da aprovação do Teatro. Na Agronomia eu passei em uma chamada posterior e a universidade enviou um telegrama para minha tia que foi perdido na casa antes mesmo de ser aberto e faz pouco tempo que ela encontrou-o. Agora já não faz mais diferença. Isso inclusive de alguma maneira ajudou-me a dar um rumo no meu caminho sem que eu ficasse tão dividida.

O teatro que chegou para ficar

No Concurso Vestibular Unificado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realiza-se uma Prova de Habilitação Específica, de caráter prático para todas as áreas da Arte. A prova para o Teatro tinha como base

um fragmento da peça *A gaivota* de Anton Tchechov. Para a preparação deste teste, quando eu estava ainda em Florianópolis me encontrei algumas vezes com o Mano Alvim, um artista plástico amigo da minha tia, que estuda teatro na UDESC. Ele me ajudou a ser *uma gaivota!*

No início de 2006 ingressei no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e logo que cheguei aconteceu o ECUM em Belo Horizonte. Encontro Mundial das Artes Cênicas! Alguns alunos do curso estavam muito motivados a ir ao Encontro, então fizemos uma série de intervenções performáticas pela cidade e arrecadamos uma quantia em reais que ajudou bastante. O tema do encontro foi *O Teatro em Tempos de Guerra*. Pude conhecer trabalhos incríveis como os *Palhaços sem Fronteiras*, que são pessoas que fazem um trabalho nada fácil: fazer rir onde todos estão passando mal. Vão com espetáculos a campos de refugiados. Tem em torno de 500 artistas participantes. É uma companhia efêmera onde os artistas muitas vezes não se conhecem. Quem palestrou foi o francês Antonim Maurel, um dos criadores dos Palhaços Sem Fronteiras, ONG espanhola. Outros trabalhos fortíssimos como de Ivaldo Bertazzo que desenvolve em São Paulo um trabalho artístico em comunidades em situações de risco. Shai Swartz, que é um contador de histórias de Israel, que trabalha com palestinos e judeus tendo como principal idéia a de que a terra não pertence a ninguém, mas que os dois pertencem a ela. A maneira como conta as histórias é emocionante, não apenas para mim que me identifico com a causa, mas para o auditório inteiro. Ele também trabalha com técnicas de Psicodrama onde as pessoas podem se colocar como diferentes personagens e mudar o rumo da história de acordo com o que estão sentindo. Depois que assisti a fala dele me identifiquei com o curso de licenciatura que até então eu não sabia bem porque tinha escolhido.

Quando voltei para Porto Alegre, depois de extasiada por saber da existência de tanta gente interessante, com trabalhos magníficos e simples ao mesmo tempo, assisti aos espetáculos vindos de todo o mundo para o

Festival de Bonecos de Canela. Assisti trabalhos muito competentes como *O Avarento*, de Molière interpretado pelo grupo espanhol Tábola Rasa em que os bonecos eram feitos de torneiras, entre tantos outros.

Assisto tanto a espetáculos adultos como infantis. Tenho uma afilhada com quem mantive o mesmo hábito que minha madrinha tinha de me levar ao teatro. A pequena, nem tão pequena assim, parece gostar bastante, mas agora que está com 14 anos comecei a experimentar levá-la em peças menos infantis porque as de crianças já não são tão interessantes para a idade dela. Alguns espetáculos que assistimos foram: *Sobre anjos e grilos*, peça de Deborah Finnocchiaro com poesias de Mário Quintana; *Lili Invento o mundo*, que também tem como dramaturgia poesias de Mário Quintana e é dirigido por Dilmar Messias; *A tempestade e os mistérios da ilha*, texto de Shakespeare adaptado para o universo juvenil com direção de Jezebel de Carli; *Pipi meia-longa* adaptada do texto de Astrid Lindgren e dirigida por Moira Stein; *A canção de Assis* que tem direção de Gilberto Fonseca e texto de Júlio Fischer; *O hipnotizador de jacarés* que tem texto e direção de Dilmar Messias; *Opereta Pé-de-pilão* onde o texto é de Mário Quintana e a direção é de Mário de Ballentti, *Adolescer* dirigida por Vanja Ca Michel; *A mulher que comeu o mundo* da Usina do Teatro do Ator dirigida por Gilberto Icle e o espetáculo *Quiprocó*, do Grupo Teatral Moitará que veio para o Festival SESC Palco Giratório³ no ano de 2008. Este grupo tem um trabalho com máscaras e uma pesquisa em Comédia Dell'arte bastante aprofundada e o resultado disto, na cena, encanta.

Ao repensar os caminhos que segui na minha trajetória ao longo dos anos, penso que mesmo tendo condições de fazer tantas atividades que me interessam, assistir a tantos trabalhos que admiro, ainda assim me percebo sem conseguir aprofundamento em nenhuma atividade específica. Ainda

³ Festival de Teatro que acontece em diversas cidades do Brasil. Em Porto Alegre está na 4ª edição. Durante um mês inteiro, todos os dias são apresentados espetáculos de todo o país em diversos locais da cidade incluindo espetáculos de rua e atividades formativas, como workshops e palestras.

estou em fase de experimentação e escolhendo bem devagar pra onde quero ir. O que ocasiona geralmente uma sensação de frustração. Muitas vezes por não haver tempo para fazer tanta coisa, e o dia ter somente míseras 24 horas. Assim como me vejo nesta situação, vejo tantos outros, em outras áreas, no mesmo bote. Claro que paralelamente, como na vida convivem extremos, vemos aqueles que conseguem se especializar tanto no detalhe do detalhe que chegam também a me parecer estranhos. Sabem muito sobre muito pouco. São tão especializados em sua micro-área de atuação que se fecham e só enxergam a mesma. Percebo-me como os que fazem um pouco de tudo e acabam não fazendo muito de nada. Gostaria inclusive de tentar pertencer um pouquinho mais ao outro lado, me aprofundar mais naquilo que gosto e quero conhecer, mas com tantas opções por aí o difícil é saber quais delas seguir a fundo. Com certeza eu sou, ou melhor, estou sendo, já que somos processo inacabado, pitadas de tudo o que vi/fiz e ao mesmo tempo são tantas histórias vistas e vividas tão rapidamente (sim, porque o tempo alça vô) que o seu significado se esvazia também rapidamente. Este fenômeno não me parece ser apenas da atualidade, acredito que em outra escala em tempos passados também as pessoas se sentiam assim, com angustia de ver o tempo passar, estudar e descobrir que o quanto mais se estuda menos se sabe. E não saber o que fazer com aquilo que aprende. Ao mesmo tempo acredito que ainda haja tempo de experimentar outras áreas antes de focar-me em uma estritamente. O tempo dirá.

Não há na nossa mini fatia de mundo compreendida pela ponta sul do Brasil, uma escola de teatro especializada em uma técnica específica, ou em técnicas que se assemelhem. Sendo assim as alternativas existentes ao estudante aspirante a ator são as buscas por esse temperinho dado em oficinas, cursos, palestras e espetáculos. Desta maneira individualmente e em pedaços cada um faz seu pé de meia. Sinto-me como Frida Kahlo escreveu em seu diário (1944-1954), "Eu sou a DESINTEGRAÇÃO....". No caso da artista a expressão pode ser literal, mas acredito que em muitos

aspectos muitos de nós somos também desintegrados, mesmo que fisicamente aparentemente não pareçamos. Ainda sonho com o dia em que conseguirei juntar cada pedacinho de mim e realizar um trabalho com o qual me sinta satisfeita. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul tive a oportunidade de ver os vários lados da mesma moeda, compará-los e escolher o quê e como utilizá-los, não só na trajetória como atriz, mas na pedagógica. Sim, pois as escolhas que fazemos na nossa prática particular definem muito da prática pedagógica, das formas que se trabalha com os outros.

Hora de agir

No mesmo ano em que ingressei como estudante, no Curso de Licenciatura em Teatro da UFRGS, passei a fazer parte do Centro de Pesquisa Obstetrícia da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, onde ainda hoje trabalho. As pesquisas que são realizadas pelo Centro estão relacionadas à temática do HIV. A equipe é formada em sua maioria por profissionais da área da saúde. As pesquisas científicas desenvolvidas lá são de caráter quantitativo, ou seja, necessitam de um n de sujeitos muito grande por se tratarem de estudos acerca de medicamentos antiretrovirais, como por exemplo, de regulação de doses de droga, entre outros que são observacionais, onde acompanhamos o crescimento de bebês expostos ao vírus do HIV durante a gestação e até completarem cinco anos de idade. Sendo assim, um grande número de pessoas são assistidas pelo nosso Centro. Os sujeitos envolvidos são gestantes e seus bebês e crianças infectadas ou expostas ao vírus da imunodeficiência adquirida, a AIDS.

O meu trabalho é bastante diverso e depende da demanda que cada pesquisa exige, mas não está relacionado com a prática teatral nem artística. Tenho o papel de assistir as pacientes e a equipe no que for necessário.

Estando lá todo dia e vendo o dia-a-dia de mulheres de baixa ou nenhuma renda que são chefes de família, e todas as dificuldades pela quais passam percebi a possibilidade de unir a realidade do meu trabalho com o que estudo fazendo o que acredito e o que acho importante. Mais especificamente fui enxergando, casos diversos, que têm algo em comum. Estes quadros recorrentes têm como características a baixa escolaridade, drogas e questões de gênero.

Há, por exemplo, uma pesquisa que o Centro realiza em que as gestantes que não fizeram acompanhamento pré-natal chegam ao hospital para o momento do parto, e como manda o protocolo, todas pacientes SUS neste momento fazem o teste rápido para HIV. Muitas descobrem ter o vírus neste momento, outras já sabiam, mas não fizeram nada - e não convém aqui julgá-las porque cada um tem a história de vida que tem. Então os bebês tomam medicamentos antiretrovirais para que não venham a contrair o vírus. É uma maneira de a mãe cuidar do seu filho, antes tarde do que nunca. E mesmo que as mães não tenham tido cuidados durante o período pré-natal, em grande parte os bebês que acompanhamos são HIV negativo. Final feliz.

Mas, e sempre existe um 'mas', me pergunto, de que vale todo esse trabalho que fazemos aqui? Conseguimos fazer com que o bebê filho de mãe soropositiva seja soronegativo. Mas quando esse bebê crescer e for um jovem começando sua vida sexual, sabe-se lá quais os cuidados vai ter.

Numa sociedade que criou tantas injustiças, poucos têm acesso a ensino, e as famílias que supostamente ajudam na educação do ser em crescimento estão desmanteladas, ou seja, a adolescência é uma fase cheia de mudanças e dependendo do que se (des)conhece pode-se tomar atitudes que sejam irreversíveis. Em outras palavras, o que temo é que neste trânsito

entre o mundo infantil e o mundo adulto, os adolescentes não se protejam ou não se cuidem devidamente. E sem orientações sobre determinadas questões, isto é o que normalmente acontece. Apenas a transmissão de informações não ajuda a mudança de comportamentos e a valorização da vida. Para mudarmos, nem que seja minimamente este quadro, o primeiro passo é ouvi-los.

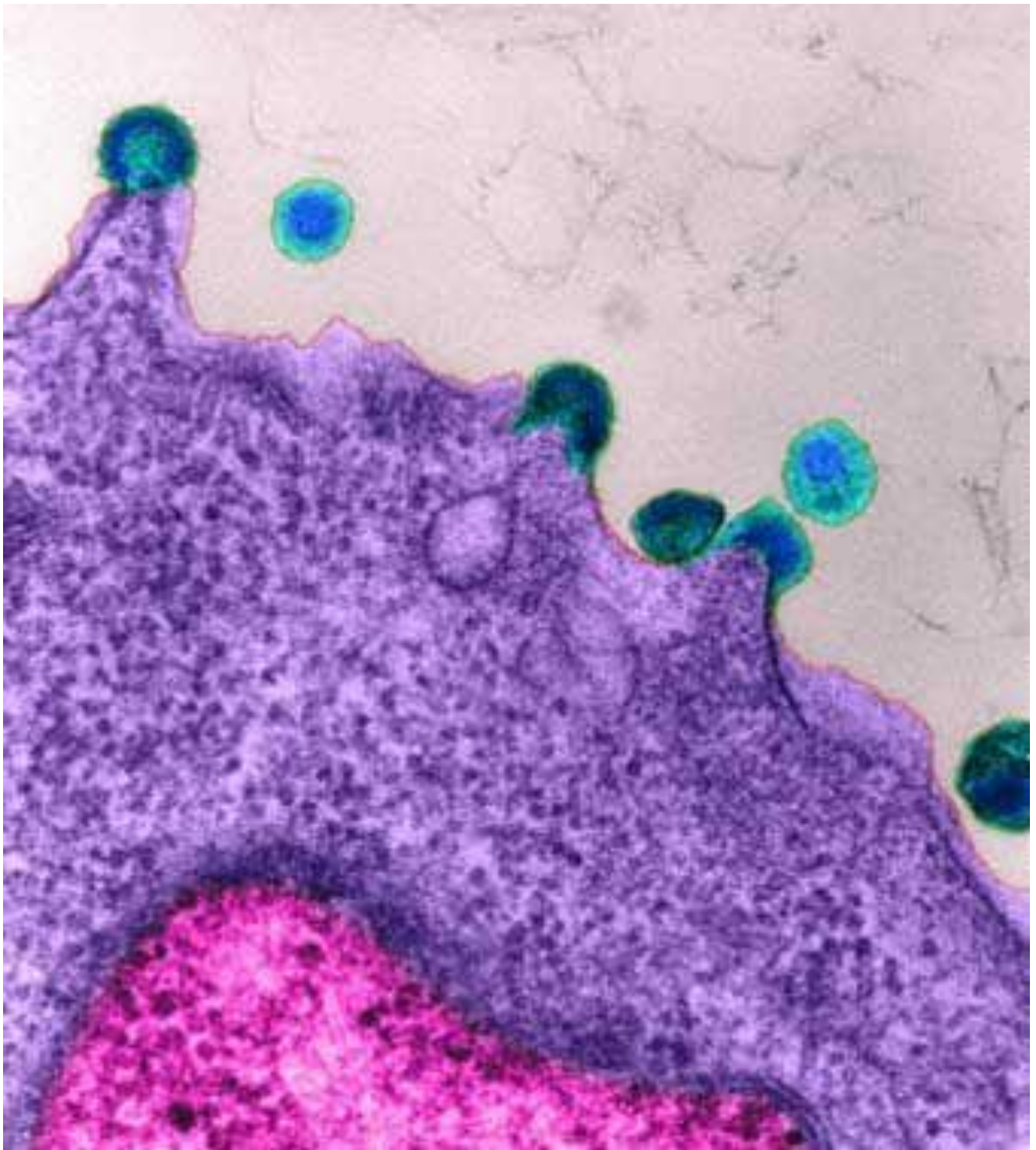
Após conversas a respeito e muito incentivo da minha chefe, Débora Coelho, a coordenadora do Centro de Pesquisa Obstetrícia, decidi ir atrás de gente que estava pensando nestas mesmas questões que começavam a borbulhar na minha cabeça. E para não ficar apenas no plano das idéias, em novembro de 2006 fui à Belo Horizonte para o VI Congresso de Prevenção das DST e AIDS para assistir os trabalhos apresentados. Aí comecei a conhecer grupos que trabalham relacionando Teatro e AIDS de formas diversas. Este encontro foi grande impulsionador para começar a delinear um projeto neste âmbito.

Assim, foi concebido o *Projeto Vida Positiva! Arte-educação na Prevenção das DST/HIV com Adolescentes* do qual participei como idealizadora e oficinaira, no período de janeiro a dezembro de 2007, em colaboração com colegas da área de teatro, do Curso de Graduação em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e da dança, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Em parceira ainda com profissionais da área da saúde, médicos e enfermeiras, e com assistentes sociais. Nós aliamos a arte na prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs, HIV) com adolescentes de diversas comunidades de Porto Alegre.

Após muito refletir sobre qual tema me debruçar neste momento de realização do Trabalho de Conclusão de Curso, decidi olhar para trás, ver os pontos que na minha vida deixaram marcas que fizeram de mim ser o que sou e optei por trazer questões acerca da realização do *Projeto Vida Positiva! Arte-educação na Prevenção das DST/HIV com Adolescentes* por achar que é

um trabalho que com todos seus acertos e erros tem um grande valor de existir e pode servir como exemplo para quem pensa que através da parceria entre a saúde e teatro pode levantar-se temas que nos atravessam, e que não são simples e objetivos. Em outras palavras, pode fazer sentido para quem vê que o teatro pode ser uma maneira de nos colocarmos e posicionarmos criticamente a respeito de temas subjetivos. Considero de enorme importância projetos deste gênero, que aproximam as pessoas a outras formas de arte muito pouco acessadas pelo grande público.

No capítulo seguinte, eu, este ser que transita, aponto questões reais referentes ao HIV e AIDS e em seguida desdobro aspectos da estrutura e objetivos do *Projeto Vida Positiva!* que nasceu incentivado por todas as reflexões colocadas anteriormente no atual capítulo. A junção destes temas é o local o local onde pouso.



TERRENO DE POUSO

Ambientando o lugar

Antes de adentrar nas questões estruturais do projeto que desenvolvi com intuito de relacionar o debate sobre as DSTs HIV/AIDS ao desenvolvimento de expressões artísticas, buscarei aproximar o leitor do terreno que adentraremos. A seguir faço uma breve contextualização histórica do surgimento do HIV até os dias de hoje, e de questões relacionadas à prevenção do vírus em jovens, já que esse foi o principal foco de interesse do projeto do qual fiz parte e sobre o qual apresento relatos neste trabalho.

A AIDS hoje em dia

Esta parte do trabalho foi construída com base no texto de apresentação das justificativas do *Projeto Vida Positiva! Arte-educação para a Prevenção das DST, HIV/AIDS com Adolescentes*, elaborado pela coordenadora do projeto, Débora Coelho, e os dados de cunho técnico foram extraídos de outras fontes, às quais me refiro ao longo do texto.

A AIDS foi identificada no final dos anos 70 e início dos 80, e foi no princípio, grosseiramente chamada de *câncer gay*, pelo fato de os referidos pacientes serem homens homossexuais provenientes de grandes cidades norte-americanas. Eles apresentavam sintomas já conhecidos anteriormente, mas no seu conjunto apresentavam características próprias, pois alguns destes sintomas eram bem conhecidos entre idosos, mas nunca haviam sido observados, até então, ao mesmo tempo, em pacientes homossexuais masculinos sem histórico de outras doenças.

Como no início a incidência era predominantemente entre homossexuais, suspeitou-se que houvesse relação entre a doença e estilo de vida. No entanto, não tardaram a surgir casos entre heterossexuais e

crianças recém-nascidas. Apesar disso, as principais características epidemiológicas continuaram sugerindo que a doença era infecciosa, transmitida por via sexual, vertical e parental.

Em pesquisas mais avançadas descobriu-se que este vírus causador da doença era novo e desconhecido. Tratava-se do vírus da imunodeficiência humana (HIV), com origem na África, presente nos macacos e que fora transmitido para os humanos. Nos macacos o vírus não fazia nenhum mal, mas para os humanos veio a causar o que chamamos hoje de síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS).

Ao longo dos anos foram feitos muitos avanços no que se refere à descoberta de novas drogas para o controle da AIDS. Uma droga que ainda hoje é bastante significativa é o AZT (zidovudina), e o coquetel que através de combinação de medicamentos, atuam em conjunto atrapalhando a reprodução do vírus no organismo. Mesmo assim, desde o início da epidemia e ainda hoje não foi encontrada a cura para essa enfermidade e a única maneira de evitá-la é através da prevenção.

Durante o momento de descoberta do vírus houve uma grande movimentação e mobilização de alguns setores da sociedade, propiciando o nascimento das primeiras Organizações Não Governamentais (ONGs), já que não havia nenhum plano nacional de combate a AIDS vindo do governo. Através das ONGs levantou-se a discussão sobre o preconceito, a discriminação e começou uma pressão para que o governo se posicionasse e buscasse soluções diante dos problemas ocasionados com o advento da AIDS.

Desde o início a AIDS foi considerada uma demanda do setor de saúde, designando o Ministério e as Secretarias de Saúde como porta-vozes oficiais do governo. Isso excluiu a participação dos setores de Educação, que seriam essenciais para a prevenção à AIDS (SODELLI, 1999).

A epidemia HIV/AIDS, nos dias atuais, revela ampla disseminação mundial, não apresentando identidade étnica, sexo, classe social, idade ou

orientação sexual. Nos últimos anos se têm observado uma alteração em seu padrão epidemiológico demonstrada por uma maior intensificação dos processos de interiorização, juvenização, pauperização e feminilização, tornando expressivo o aumento dos casos de AIDS em jovens. Como afirma Monteiro (2002, p.26):

O aumento significativo do número de caso de AIDS entre as populações de menor poder aquisitivo demonstra que as políticas de prevenção precisam considerar conexões entre saúde pública, direitos humanos e transformações na estrutura social.

A AIDS pode ser considerada, atualmente, uma epidemia global, pois representa uma doença que atingiu simultaneamente os cinco continentes. Tem-se observado que nos últimos anos o contexto HIV/AIDS modificou seu quadro epidemiológico, uma vez que ocorreu redução no número de homossexuais infectados, apresentando, em contrapartida, um aumento significativo no número de heterossexuais com HIV ou doentes de AIDS.



O vírus, identificado no início da década de 80 e logo associado aos "grupos de risco", nestas mais de duas décadas, adotou proporções diferenciadas nas questões de saúde relacionadas à assistência e à prevenção. Assim, cada vez mais a epidemia tem-se alastrado para regiões distantes dos grandes conglomerados urbanos, atingindo principalmente mulheres donas-de-casa, de parceiro fixo e relacionamento estável.

Aliado a isto, observa-se a infecção de segmentos pauperizados, indivíduos femininos, em idade reprodutiva, com baixo poder sócio econômico e de baixa escolaridade, concomitantemente com a juvenilização, ou seja, cada vez mais a população adulta jovem é acometida pelo HIV/AIDS, o que contribuiu para o aumento nos casos de crianças infectadas

pelo HIV e para os casos de AIDS pediátrica, além do aumento gradual observado entre a parcela de jovens da população.

É melhor prevenir do que remediar

Antes mesmo de conhecer a história do artista Keith Haring, autor da figura ao lado, eu já tinha admiração e interesse pelo seu trabalho. Depois que soube um pouco da sua história de vida e



como enfrentou através do seu trabalho o preconceito por ser homossexual e ter contraído HIV, pude entender melhor algumas das suas obras. Em 1989 foi criada a Keith Haring Foundation que mantém um acervo com suas obras e defende suas idéias. Assim, a Fundação apóia ONGS que dão assistência às crianças e que lidam com os cuidados relacionados ao HIV. Durante os últimos anos de vida, o artista procurou falar da sua própria doença e gerar ativismo e consciência sobre a AIDS.

A pintura que escolhi é justamente desta fase em que a temática da doença estava muito presente em sua obra. Ele morreu com 31 anos no dia 16 de fevereiro de 1990, pouco depois da data em que o quadro foi pintado. A tradução livre que faço do que está escrito em inglês no quadro é ***Ignorância é igual a Medo, Silêncio é igual a Morte, lute contra AIDS, Aja.*** E para completar este pensamento o artista se utiliza da imagem já conhecida em que um ser tapa os olhos para não ver, o outro, tapa os ouvidos e o terceiro, a boca. É uma maneira de dizer que se nos fecharmos para a discussão das questões da AIDS o único resultado é a morte, tanto física como social, produzida pelo preconceito. Podemos trazer o tema à tona, debater o assunto e aprender a nos proteger sem preconceito ao invés

de fingir que nada está acontecendo. A passividade com que este tema é tratado pode levar a uma idéia errada das próprias formas de contágio e, conseqüentemente, à posturas de preconceito e descuido consigo mesmo. Ao analisar o contexto da epidemia, Ayres evidencia os desafios que ainda hoje dificultam o seu combate.

A prevenção tem sido, desde o início da epidemia, uma questão crucial para os programas de controle da AIDS. Naqueles primeiros tempos era grande o desconhecimento acerca da doença e sua distribuição e poucos subsídios para guiar ações preventivas. Desde então, este quadro tem sofrido alterações. Houve um aumento substantivo do grau de conhecimento científico acerca do vírus, suas interações com o organismo, sua epidemiologia e sobre os principais determinantes sociais dessa epidemia. Contudo, passados já vinte anos, e mesmo com todos os avanços apontados, a importância da prevenção não é menor nos dias de hoje. Os enormes progressos do conhecimento e da técnica não esvaziaram os desafios da prevenção, uma vez que tais avanços não chegaram a alterar substantivamente os determinantes da vulnerabilidade ao HIV e à AIDS de significativos contingentes populacionais. Entre estes aspectos de vulnerabilidade, destacam-se a pobreza; a exclusão de base racial; a rigidez de papéis e condutas nas relações de gênero; a intolerância à diversidade, especialmente de opção sexual; o limitado diálogo com as novas gerações e a conseqüente incompreensão dos seus valores e projetos; o descaso com o bem estar das gerações mais idosas e a impressionante desintegração da sociedade civil no mundo globalizado, gerando uma violência estrutural que amalgama todos os demais aspectos de vulnerabilidade num perverso sinergismo (AYRES, 2002, p.12).

Hoje, a discussão e as campanhas relacionadas à AIDS no Brasil estão muito avançadas em relação ao passado recente e mesmo se comparadas a campanhas em outros países. Inclusive o acesso à rede pública de saúde no Brasil para portadores do vírus é bastante facilitada.

No Congresso de Prevenção que participei em 2006, assisti a fala de Nimbi Simbi, professor de Letras de Angola que colocou as imensas dificuldades que passam para realizar campanhas de prevenção com jovens em países da África. Isso acontece porque os governos são vinculados à religião e esta não aceita o uso de preservativo, e mais, é contra a relação sexual antes do casamento, assim não permite que os agentes de saúde entrem nas escolas para tratar deste tema. Como dialogar com uma instituição tão antiga que não olha a realidade em torno? Este discurso

religioso e carregado de um falso moralismo que está muito presente em países africanos é bastante parecido com o que existia no Brasil durante os primeiros anos da epidemia.

A prevenção gravitou, nessa época, predominantemente em torno dos grupos de risco e do tema da abstinência e do isolamento: não ter relações sexuais, não doar sangue, não usar drogas injetáveis. As implicações morais e resultados práticos dessas estratégias já são bastante conhecidos: estigmatização, preconceito, individualismo, insucesso (AYRES. JUNIOR, CALAZANS, 1997, p.22).

Porque os jovens?

Os jovens encontram-se em pleno desenvolvimento, necessitando de abordagens qualificadas, principalmente em relação à AIDS (formas de contágio, revelação do diagnóstico, aconselhamento, adesão ao tratamento), à sexualidade (métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, afetividade, prazer), ao uso e abuso de drogas, às questões relacionadas a gênero, raça, etnia, inserção social, desigualdade social, aspectos éticos e legais, família e adoção, entre outros.

É preciso realizar um grande investimento na capacitação e no suporte dos jovens que vivem e convivem com a AIDS, bem como na dos profissionais que atuam nas diversas áreas da saúde, assistência social e educação no que diz respeito ao melhor e mais adequado manejo com público adolescente. A implementação de ações que entendam as necessidades destes adolescentes, oportunizando a promoção do protagonismo juvenil, da autonomia, da auto-estima e do prazer com responsabilidade é fundamental.

Compreender o processo de desenvolvimento humano como um movimento entre o abandono do mundo infantil e a entrada no mundo adulto e, nesse entrelaçar envolto pelas dimensões culturais, sociais e econômicas que particularizam as pessoas, mas não as anulam, é um avanço diante de um processo que precisa ganhar novas roupagens, com discussões e estudos

que fundamentem o olhar nesta direção. Este movimento é caracterizado por momentos tumultuados, confusos, assim como sublimes e tranquilos, os quais estão atrelados a esta transição, conquistando gradualmente atributos que re-significam o viver e o cuidar da saúde dos jovens.

Sobre as dificuldades, desafios e necessidade de trabalhar-se questões de prevenções com jovens, Ayres (2000, p.21) salienta quinze pontos que os tornam bastante vulneráveis em nossa sociedade:

Os adolescentes podem ser considerados um segmento populacional de elevada vulnerabilidade, especialmente num país com a estrutura social do Brasil e onde ações programáticas voltadas para o grupo são freqüentemente precárias ou mesmo inexistentes. Alguns dos aspectos mais particularmente associados com essa aumentada vulnerabilidade são:

- onipotência, sensação de invulnerabilidade;
- dificuldades de informação adequada - dificuldades com a linguagem prevalecente na mídia, descaso dos meios de comunicação, barreiras impostas por preconceitos, barreiras socioeconômicas ao acesso, limites próprios à fase para a ancoragem simbólica das informações;
- necessidade de explorar, buscar o novo, experimentar riscos, transgredir;
- sistema educacional pobre e desestimulante para a individuação e capacitação do adolescente para uma sociabilidade rica;
- dificuldade de escolher, indefinição de identidades, conflito entre razão e sentimento;
- percepção da temporalidade: urgência, dificuldade de "administrar" esperas, adiar desejos, a virtualidade do futuro;
- carência e baixa qualidade de serviços de saúde;
- carência de profissionais, nas diversas áreas, que se proponham a ser efetivamente interlocutores;
- despreparo e falta de suporte institucional dos interlocutores socialmente privilegiados no lidar com adolescentes (educadores e profissionais da Saúde);
- gregarismo: suscetibilidade a pressões grupais, modas, necessidade de afirmação grupal;
- desagregação familiar (na acepção ampla do conceito): falta de referência, baixa estimulação intelectual e afetiva, favorecimento da baixa auto-estima, exposição à violência;
- barreiras sociais na adoção de medidas protetoras: dependência econômica, inexistência de produtos adequados, medo de expor-se;
- baixa "densidade" de cidadania: carência de mecanismos de solidariedade social, limitada capacidade de organização, representação e pressão políticas;
- drogas: segmento visado como consumidor e como mão-de-obra da indústria da droga, obstáculos morais, psíquicos e materiais para um uso seguro, pulsões psicossociais já citadas;
- clandestinidade, insegurança e elaboração fantasiosa das primeiras atividades sexuais.

A partir do panorama traçado por Ayres, em relação ao grau de vulnerabilidade identificado na juventude brasileira nos dias de hoje, resalto a importância de que sejam propostas ações preventivas que aliem a vivência real do adolescente que enfrenta a problemática do HIV/AIDS em sua vida, trabalhadas com uma linguagem própria compatível com a sua.

Tais abordagens buscam promover a reflexão dos jovens sobre seus comportamentos e atitudes, estabelecendo uma relação direta entre o conhecimento e a prática, na intenção de possibilitar mudança de comportamentos por decisão individual, de forma que as ações sejam controladas pelo próprio sujeito.

Entendo que a utilização da prática teatral como recurso pode alcançar um resultado satisfatório sobre os jovens. Como na vida real, o teatro tem como elemento básico da ação dramática a presença de *conflito*

A importância do conflito reside no fato de ser a partir dele, ou em decorrência dele, que ocorre a progressão da narrativa dramática, ou seja, o desenvolvimento de forças em oposição representadas pelo PROTAGONISTA e pelo ANTAGONISTA. A natureza do conflito depende da natureza dos contendores, prevalecendo três alternativas básicas: O conflito entre dois homens, representantes de duas forças ou duas idéias; o conflito entre um homem e ele mesmo, o que configura o conflito íntimo, do tipo razão X emoção; e o conflito do homem com deus e/ou a natureza (VASCONCELLOS, 2009, p.72).

Sendo assim, parto da idéia de que os conflitos estão presentes a todo o momento na tomada de decisões durante a vida das pessoas, e configuram pequenas escolhas que podem alterar profundamente o futuro próximo de cada ser envolvido.

Percebo que a proposição de jogos teatrais incluindo a representação de cenas improvisadas com conflitos baseados nas histórias vividas pelos jovens de um grupo é capaz de proporcionar a reflexão sobre aquela situação, tanto para quem atua quanto para quem observa.

A crença de que o estabelecimento dessa relação seja possível, e o desafio de se fazer prevenção através da arte, e por meio dela abordar

questões importantes da existência humana foi o mote da criação e desenvolvimento do projeto *Vida Positiva!*

O lugarzinho escolhido

Nos capítulos anteriores já descrevi alguns aspectos do *Projeto Vida Positiva!*. Nesta parte, trago mais detalhadamente a estrutura e como se deu o seu processo de concepção e realização.

O Planejamento

A elaboração do projeto partiu da coordenadora de pesquisa com quem trabalho, que me mostrou o Edital N°01/2006 da UNESCO, realizado em parceria com a Secretaria de Saúde de Porto Alegre no ano de 2006 que estimulava a produção de iniciativas criativas e inovadoras para trabalhar a prevenção de DSTs, HIV e AIDS. Além de me apresentar o Edital, ela me incentivou a escrever um projeto e a convidar colegas que estivessem interessados no tema, para participar da iniciativa.

Naquele momento, não tínhamos o funcionamento do projeto definido, mas desde o início estive inclinada a escrever um projeto para trabalhar com jovens, já que eu iniciara no mesmo ano a graduação em Licenciatura em Teatro na UFRGS e iria em breve me envolver com práticas de teatro direcionadas ao público jovem. Assim, pensei que, se o projeto fosse aprovado, começaria a ter experiência em oficinas com jovens antes de fazer os estágios obrigatórios da universidade.

A elaboração do projeto envolveu uma pequena equipe, composta por mim, pela Coordenadora do projeto, então doutoranda em Enfermagem pela UFRGS, Débora Fernandes Coelho, e pelo meu pai, Regis Kreitchmann,

médico e ginecologista-obstetra, que trabalha no atendimento de portadores de HIV no Centro Municipal de DST/HIV/AIDS. Este *petit comité* contou com a importante colaboração de amigos, profissionais ou estudantes em formação nas áreas das artes, que convidamos para auxiliar nessa elaboração.

Assim, além de nós três, a equipe do **Projeto Vida Positiva! – Arte-Educação para Prevenção das DST/HIV** foi constituída de arte-educadores com experiências diversas – alguns com mais outros com menos vivência em projetos comunitários. E os amigos que convidei foram, a Janaína Martins Nocchi, graduada em dança pela Universidade do Estado do Rio Grande do Sul, o Gyan Celah dos Santos, graduando em Licenciatura em Teatro pela UFRGS e a Martina Fröhlich graduanda em Bacharelado em Interpretação também pela UFRGS.

Para criação do projeto tivemos a orientação da professora do setor de corpo e voz do Departamento de Arte Dramática da UFRGS, Gisela Costa Habeyche, Mestre em Educação pela UFRGS.

Antes de dar início às atividades, realizamos algumas reuniões para expor, aos demais integrantes, o pensávamos sobre a execução do projeto, a fim de elaborar coletivamente como executaríamos, de definir quais seriam os nossos objetivos, e de fazer o orçamento dos recursos que necessitaríamos, enfim, para criar a configuração do que faríamos a seguir.

O grupo reuniu-se com a Organização Não Governamental (ONG) *Mais Criança*⁴. A escolha de trabalhar em parceria com esta ONG foi justamente por já existir uma proximidade minha com o trabalho desenvolvido lá. Já

⁴ Esta ONG tem como um de seus princípios participar ativamente da execução de medidas de informação para prevenção da infecção do HIV entre adolescentes. É um grupo de apoio à criança soropositivo, criado em 06 de janeiro de 1998, constituindo-se em uma organização não governamental que atua em nível municipal. Portanto, uma entidade civil, privada, autônoma, sem fins lucrativos, de base comunitária estruturada basicamente a partir de trabalho voluntário. É composta por uma equipe de médicos, enfermeiras, assistentes sociais, nutricionistas, além de colaboradores voluntários. Tem como objetivo lutar por melhores condições de qualidade de vida a crianças, adolescentes e suas famílias.

participei de algumas ações realizadas pela ONG *Mais Criança* ao longo dos anos.

Minha aproximação com a ONG deu-se através do meu pai, que participa ativamente da mesma há muitos anos. Além disto, houve identificação das nossas idéias com o trabalho de prevenção realizado com jovens pela ONG. Assim, nos agregando às pessoas da área da saúde, e que têm mais experiência no tema, nos sentimos mais aptos a por o projeto em prática.

O projeto surgiu como alternativa de conscientizar e mobilizar jovens convivendo com as DST e HIV, mediante a utilização de diferentes formas de expressão artística, tendo por objetivo articular jovens da comunidade porto-alegrense para criação de um grupo de integração e troca de experiências a partir de realidades relacionadas à soropositividade em suas vivências existenciais, ou seja, de promover interação entre jovens que vivem e convivem com HIV/AIDS.

O objetivo do projeto era formar um grupo artístico-multiplicador na prevenção da DST/HIV e do uso de drogas para realizar intervenções artísticas em escolas públicas da cidade de Porto Alegre, a fim de incentivar o debate em torno destas questões, bem como, buscar através de tais intervenções minimizar preconceito, discriminação, estigma e estereótipos construídos socialmente na trajetória da epidemia do HIV/AIDS.

No decorrer do trabalho percebemos a necessidade de disponibilizar espaços próprios para adolescentes em que se pudesse discutir questões muito peculiares dessa fase do desenvolvimento humano, como sexualidade, autocuidado, percepção de corpo, adesão à terapêutica, entre outras tantas.

Assim, a partir de referencial teórico-prático relacionado a diferentes áreas da arte (artes visuais, teatro, música e dança) e da educação, realizamos oficinas semanais com jovens, de ambos os sexos, independente de sua condição sorológica ao HIV, que frequentam escolas públicas da cidade de Porto Alegre.

O planejamento de todas as oficinas foi combinado entre osicineiros. Toda semana nos encontrávamos para redesenhar as atividades que seriam realizadas nos encontros seguintes. Definimos uma maneira que nos pareceu plausível e que não sobrecarregava a nenhum de nós. A cada encontro todos participavam coordenando alguma atividade do dia. Em muitos momentos nós,icineiros do Teatro que acabávamos de ingressar na universidade, tivemos vontade de experimentar na oficina algo que havíamos aprendido em aula recentemente. E a partir disto, criávamos novos jogos direcionando para o que queríamos trabalhar.

Para a fundamentação do Projeto utilizamos como referencial teórico entre outros, obras de Augusto Boal, Viola Spolin e Paulo Freire, por traduzirem ideais inerentes à pedagogia com as quais nos identificamos.

Conhecemos o trabalho de Boal através de livros, que buscamos por interesse próprio. Percebemos que poderíamos nos apropriar de suas idéias, pois nosso projeto visava que os jovens participantes obtivessem uma reflexão crítica sobre a realidade a partir disso pudessem estabelecer mudanças em seus comportamentos. E é justamente esse o ponto sobre o qual Boal se debruça ao criar o Teatro do Oprimido e conseqüentemente o Teatro Fórum. A partir de seus escritos, identificamos que ele propõe que o teatro seja um ensaio para a ação real, ou seja, uma ferramenta de transformação da sociedade que não apenas a interprete (BOAL, 2008, p.319), mas a conteste, ponha em questão os valores estabelecidos.

Realizando essas ações na ficção do teatro, eu me preparo, treino, para realizá-las também na minha vida real. No teatro me familiarizo com problemas que enfrentarei na realidade (BOAL, 2008, p.42).

As outras referências nos foram indicadas pela professora Gisela, que nos orientou durante a criação do projeto. Ela nos emprestou os livros *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, e *Improvisação para Teatro*, de Viola Spolin. Esses livros foram lidos e debatidos por nós nos encontros pré-

projeto. E houve unanimidade na opção de utilizá-los como referência no processo de criação artística, pois nos encantamos pelas idéias dos autores.

Em relação à obra de Spolin, nos foi possível identificar em suas idéias, a maneira como eram conduzidas as aulas que tínhamos na universidade as quais apreciávamos e sobre as quais gostaríamos de nos basear para fundamentar as aulas que daríamos. A autora utiliza a estrutura do jogo como base para o treinamento em teatro, a fim de auxiliar os jogadores a libertar-se dos comportamentos de palco mecânicos e rígidos.

Spolin propõe um mergulho nas possibilidades e potencialidades criativas individuais através da participação no jogo teatral, prática que implica objetivos previamente definidos pelas regras do jogo, a serem alcançados. Segundo ela, o jogo teatral leva a pessoa a se envolver de maneira em que as suas mínimas partes funcionem como um todo orgânico (SPOLIN, 2005, p.5):

Todas as partes do individuo funcionam juntas como uma unidade de trabalho, como um pequeno todo orgânico dentro de um todo orgânico maior que é a estrutura do jogo. Dessa experiência integrada surge o individuo total dentro do ambiente total, e aparece o apoio e a confiança que permite ao individuo abrir-se e desenvolver qualquer habilidade necessária para a comunicação dentro do jogo.

Esta idéia pode ser estendida para além do teatro, e ser relacionada ao modo de lidar com problemas e situações reais na vida cotidiana, de maneira que sejamos estimulados a agir de acordo com os nossos próprios sentidos (SPOLIN, 2005, p.6):

A liberdade pessoal para fazer isso leva-nos a experimentar e adquirir autoconsciência (auto-identidade) e auto-expressão. A sede de auto-identidade e auto-expressão, enquanto básica para todos nós, é também necessária para a expressão teatral.

Quando lemos o livro *Pedagogia da Autonomia*, de Freire, nos deparamos com o índice no qual estão escritos os títulos dos capítulos do livro, e observamos que ali já encontrávamos ideais relacionados a formas de ensinar que nos instigavam. Naquele momento já foi possível aprender e

discutir a partir da leitura dos títulos e subtítulos dos capítulos, entre os quais se destacam: *Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos; Ensinar exige criticidade; Ensinar exige estética e ética; Ensinar exige corporeificação das palavras pelo exemplo; Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a discriminação; Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática.*

As idéias discutidas no livro aprofundam muitas das questões sobre as quais vínhamos discutindo. Munidos do material destes autores que nos tocaram, definimos os métodos através dos quais buscaríamos atingir os objetivos de projeto.

Assim que o projeto foi submetido e aprovado pela UNESCO juntamente à Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, partimos para a etapa seguinte, ou seja, convidar jovens a participar do projeto. A divulgação das oficinas para os jovens foi feita através de *flyers* e cartazes em Postos de Saúde e outras organizações relacionadas à prevenção do HIV/AIDS, ONGs e Escolas. O material gráfico foi produzido pela ESPM⁵, a partir de idéias da equipe do projeto.

As oficinas do projeto ocorreram no Colégio Estadual Paula Soares, localizado no Centro da cidade de Porto Alegre. Escolhemos este local pela forma calorosa com que o diretor da escola nos recebeu quando fomos conversar a respeito.

Os encontros aconteceram entre os meses de março a dezembro de 2007, sempre aos sábados, no turno da tarde, e cada encontro durava três horas de duração. As oficinas abordavam diferentes linguagens artísticas, enfatizando a troca de informações sobre o HIV/AIDS com jovens advindos de diversos bairros da cidade de Porto Alegre.

⁵ A ESPM é a Escola Superior de Propaganda e Marketing. Dentro da escola há um setor que é chamado de ESPM Social, em que alunos da graduação fazem trabalhos para ONGs como exercício, a preços simbólicos.

Em cada encontro era oferecido lanche coletivo aos alunos, que era constituído por alimentos saudáveis e de qualidade, de maneira a alertar também sobre a importância de uma alimentação sadia e estimular a descoberta de novos sabores. A hora do lanche tornou-se um momento de confraternização dos jovens, sendo este um momento de descontração, reflexão sobre o trabalho e espaço aberto a novas idéias.

A condução de cada aluno ao local da oficina foi paga pelo projeto: no momento em que chegavam à escola, lhes fornecíamos as passagens de ônibus referentes à ida e à volta⁶.

A princípio pensamos em deixar o grupo aberto para entrada de jovens durante os três primeiros meses de oficina, enfatizando o conhecimento dos participantes entre si, para construção conseguinte de um grupo coeso e disposto a dar continuidade às atividades até o fim de seu curso.

Durante o tempo de realização do projeto, continuamos divulgando as oficinas, o que proporcionou a chegada de muitos novos participantes. Inicialmente decidimos que os jovens interessados que se apresentassem, voltariam se quisessem e, após os primeiros três meses, quem estivesse participando assiduamente, deveria optar, ou não, por seguir com o grupo até o final do ano. Mas, no decorrer dos encontros, esta dinâmica mostrou-se difícil de ser posta em prática, pois eram muito poucos os jovens que frequentavam as oficinas regularmente e, a cada encontro, sempre aparecia alguém novo. Então, resolvemos acolher os novos integrantes, sem impor limites à participação de quem se mostrasse interessado. Em alguns dias chegamos a ter um número máximo de trinta jovens integrando a oficina, com faixa etária compreendida entre 10 e 20 anos, a maioria, porém, com frequência flutuante, ou seja, participavam quando podiam.

⁶ Esta solução que adotamos pode ter dificultado a ida daqueles que não tinham dinheiro nem passagem para ir. Este é um tema sobre o qual voltarei a refletir no capítulo em que faço considerações a respeito dos pontos positivos e negativos que alcançamos com o projeto.

Nas folhas de presença que eram assinadas no final de cada encontro, encontrei um total de 60 nomes de jovens que participaram das oficinas.

Houve um dia que encontrei duas meninas que participavam das oficinas vendendo flores perto de um semáforo. Elas pediram desculpas por não poder ir à oficina, e alegaram que tinham que trabalhar. Alguns jovens que pararam de frequentar o grupo não deram nenhum motivo, mas acredito que provavelmente sejam semelhantes a este. Por este fato, que considero recorrente, em virtude das necessidades econômicas das famílias destes jovens, penso que o projeto poderia ter uma vida longa se tivéssemos considerado o pagamento de uma bolsa mensal para cada aluno que participasse. Deste modo teriam tempo para se aprofundar nos trabalhos que propusemos e não precisariam sair no meio do processo para trabalhar, além de perceberem que se pode fazer da prática artística algo sério e remunerável.

A Prática

Nos primeiros encontros com os jovens sentimos necessidade de criar uma atmosfera agradável, de confiança para conhecer um pouco de cada participante que aparecia. Naquele momento as atividades estavam voltadas para a criação de um ambiente descontraído, onde fosse possível fazer o que se costuma reprimir na maioria dos espaços como, falar alto, rir, olhar-se e tocar-se. As atividades incluíam: jogar, dançar, cantar, criar histórias coletivas a partir de narrativas e de desenhos. Enfim, na primeira fase do trabalho nos mostramos uns aos outros para começarmos a nos relacionar.

Optamos por respeitar a maneira de ser de cada um, sem forçar a participação daqueles que eram mais inibidos. Essa maneira de agir trouxe resultados benéficos, pois as pessoas começaram a participar das atividades e improvisações por livre e espontânea vontade, quando se sentiram seguras a fazê-lo.

O procedimento para o professor-diretor é basicamente simples: ele deve certificar-se de que todo aluno está participando livremente a todo momento. O desafio é (...) ativar cada aluno no grupo respeitando a capacidade imediata de participação de cada um (SPOLIN, 2005, p.9).

Um exemplo dessa liberdade na maneira de participar aconteceu em um dos primeiros dias da oficina, em que, a fim de conhecer e lembrar os nomes dos participantes, propus que cada um contasse a história do seu nome, ou alguma história que quisesse compartilhar com o grupo. Assim foi, até que uma menina bastante tímida, que não sabia o significado nem porque a mãe escolhera o seu nome, quis dividir uma história conosco. Contou que nascera na calçada, no meio da rua, pois a mãe não tivera tempo de chegar a nenhum posto de saúde, ou ambulância que a socorresse. Terminada a história, todos pareceram perplexos com a aventura narrada, principalmente porque era real. O fato de a menina ter contado uma história bastante íntima, por assim dizer, fez com que todos os colegas se sentissem mais a vontade para compartilhar as suas, sem inibição.

Entre as dinâmicas utilizadas ao longo das oficinas estão os exercícios físicos, como alongamentos e as práticas lúdicas, como brincadeiras e jogos para o aquecimento do corpo, para a aquisição de um estado de prontidão e desenvolvimento da noção de grupo.

O trabalho do jogo em teatro é constituído basicamente a partir de brincadeiras infantis, com uma forte exigência quanto aos seus limites e regras, apesar do clima de alegria e descontração que provoca nas aulas. Cumplicidade, generosidade, amizade e prazer são a essência deste estado. (BRABOSA & CARMONA, 2004, p.158).

Além das atividades artísticas e das dinâmicas com profissionais da saúde que convidamos para trabalhar com os jovens no interior da escola, levamos os participantes a ambientes culturais da cidade, dentre eles um atelier de cerâmica, onde fizemos atividades com argila.

Num desses passeios culturais, fomos à Usina do Gasômetro para assistirmos o espetáculo de dança contemporânea do grupo *Terpsí, A Família*

do Bebê. Durante o espetáculo havia a possibilidade de interferências sonoras da platéia, pois na frente de cada assento foram colocadas uma lata e uma baqueta, de modo a incentivar a participação dos espectadores que quisessem colaborar com a trilha sonora do espetáculo.



Uma das alunas que foi ao espetáculo é deficiente auditiva, e talvez por isso, imediatamente, pegou os objetos sonoros e contribuiu para o espetáculo, fazendo batucadas com as latas incessantemente. Este fato desinibiu os outros espectadores que ali estavam, e tanto os oficinandos como a plateia em geral começaram a participar fazendo suas próprias batucadas.

Nesse mesmo dia, antes do espetáculo, visitamos a orla do Rio Guaíba e fizemos um piquenique a bordo de um barco ancorado. Levamos uma máquina fotográfica e colocamos à disposição dos jovens oficinandos. Dois deles, que nunca antes haviam utilizado uma câmera, ficaram com ela por



mais tempo do que os outros, pois estavam fascinados, principalmente por ser uma câmera digital na qual se pode ver pelo visor a foto que se tirou na mesma hora em que foi feita. Assim, a todo o momento nos mostravam a paisagem real e o visor com a foto que tinham feito, a fim de comparar as imagens.

Naquele momento uma nova maneira de comunicação e expressão lhes foi possibilitada, ampliando a gama de linguagens possíveis de serem utilizadas por estes jovens.

O domínio de uma nova linguagem oferece, à pessoa que a domina, uma *nova forma de conhecer a realidade*, e de transmitir aos demais esse conhecimento. *Cada linguagem é absolutamente insubstituível*. Todas as linguagens se complementam no mais perfeito e amplo conhecimento do real. Isto é, a realidade é mais perfeita e amplamente conhecida através da soma de todas as linguagens capazes de expressá-la (BOAL, 1980, p.125).

Os oficinandos aprenderam rapidamente como utilizar a câmera e se responsabilizaram por retratar tudo o que quisessem naquele dia. Durante todo o tempo eles se revezaram para retratar tudo o que queriam *congelar* daquele ambiente. Nós planejávamos fazer impressões das fotos para dar de presente no final das oficinas, mas eles pararam de frequentá-la e não conseguimos mais contatá-los.

Penso que a provável causa do *sumiço* dos dois foi a mesma que fez com que as outras jovens parassem de ir às oficinas, isto é, a necessidade de trabalhar ou não ter como ir ao local da oficina por falta de dinheiro para a passagem.

Voltando novamente às especificações em relação à maneira como se deu o trabalho dentro do espaço da escola, é possível identificar que durante a oficina buscamos valorizar o trabalho circular e o uso da roda como reforço de uma relação não-hierárquica no processo de aprendizagem entre educador e educando.

Assim, guardávamos, a cada novo encontro, um tempo para que os alunos fizessem a avaliação, mediante uma retomada do que havia acontecido durante aquele dia de oficina. Este é um hábito bastante usual no ensino de teatro que vínhamos recebendo nas aulas da universidade e quisemos utilizá-lo e torná-lo hábito com os jovens do projeto.

Segundo Jean Piere Ryngaert (1981, p.181), a avaliação é uma maneira de reflexão coletiva acerca do conteúdo apresentado, pois conflui

para que os alunos reflitam sobre suas práticas e construam um pensamento crítico sobre as mesmas.

Sobre a prática da avaliação, Spolin considera (2005, p.24):

É o momento para estabelecer um vocabulário objetivo e comunicação direta, tornada possível através de atitudes de não-julgamento, auxílio grupal na solução de um problema e esclarecimento do Ponto de Concentração. Todos os membros, assim como o professor-diretor, participam. Esta ajuda do grupo em solucionar os problemas remove a carga de ansiedade e culpa dos jogadores.

Nesses momentos de retomada percebemos algo que já imaginávamos, ou seja, que todos os participantes tinham pouco ou nenhum contato com teatro, e que os modelos de atuação que conheciam vinculavam-se às telenovelas e comerciais. Sobre a influência da interação das crianças/jovens com modelos de representação dramáticas advindos destas fontes específicas, Santos (2002, p.43) expõe:

A base desse tipo de representação destinada a largo consumo é a identificação, que busca interpelar o sujeito através da reprodução do real, do banal, do cotidiano. Nessa perspectiva, fazer teatro é entrar na pele do personagem e representar textos literários que apelam para o riso (choro, medo ou comoção) fácil ou gratuito, numa concepção cênica que se pareça, ao máximo, com a realidade, "daí a desafeição para com o teatro de jovens espectadores habituados a um realismo de imagem cinematográfica que dá uma aparentemente fiel do mundo" (Ryngaert, 1977, p.56).

Assim sendo, sem desconsiderar suas referências, sentimos necessidade de incentivar a interação deles com a linguagem teatral e ampliar seus horizontes nos que diz respeito às várias estéticas teatrais. Para isto, promovemos a ida a espetáculos teatrais, que propiciassem a discussão sobre os aspectos relacionados à construção cênica e à atuação. No que se refere à formação de espectadores, Flávio Desgranges (2003, p.16) aponta

a importância de que haja espectadores interessados e capacitados em ver e debater teatro, já que não há desenvolvimento da arte teatral que possa se dar sem a efetiva participação dos espectadores. O outro fator relevante que sustenta as práticas da formação de espectadores, diz respeito a importância de uma pedagogia do espectador em nossos dias, tendo em vista a espetacularização da sociedade, ocasionada pela proliferação de meios de comunicação de massa que condicionam a sensibilidade e a percepção dos

indivíduos contemporâneos, e indicam a necessidade de uma formação reflexiva do observador, visando a sua aptidão tanto para perceber os recursos espetaculares utilizados, quanto para analisar a produção de sentidos veiculada por estes canais de comunicação.

Nesse sentido da formação de espectadores, além do espetáculo de dança contemporânea *A família do bebê*, já mencionado, assistimos a montagem de *A tempestade e os mistérios da ilha*, texto de Shakespeare, adaptado para o universo juvenil, com direção de Jezebel de Carli e a montagem de *Pipi meia-longa*, adaptação do texto de Astrid Lindgren, dirigida por Moira Stein. Ao final de cada espetáculo convidávamos os participantes da oficina a traçar linhas de reflexão acerca das obras, problematizando a encenação. Fazendo-lhes perguntas como as sugeridas por Desgranges (2003, p.19-20):

Que temas este espetáculo aborda? De que maneira isto se relaciona com a vida lá fora? Que signos e símbolos o artista se utiliza para apresentá-las? Eu já vi algo parecido? Como eu faria? De que outras maneiras esta mesma idéia poderia ser encenada?

Observamos que surgiram novos jeitos de se colocar em cena após termos feito com o grupo os questionamentos baseados nos espetáculos vistos. O leque de referências teatrais conhecidas aumentou e com isso os trabalhos realizados enriqueceram.

A partir daí foram construídas improvisações que buscavam uma linguagem não realista, nas quais os alunos se colocaram em cena não como personagens humanos, mas como sensações.

Em relação ao trabalho do aluno sobre si mesmo, no intuito de aguçar as suas percepções sobre si, sobre o espaço e avaliar criticamente a realidade, propusemos exercícios nos quais esses eixos fossem valorizados. De maneira geral os exercícios de sensibilização de caráter



introspectivo e individual foram conduzidos pela Janaína, por ser esse um foco que ela costuma abordar no seu trabalho como professora de dança. Nas atividades que coordenou, propôs a observação e análise de movimentos do cotidiano dos alunos ou observados das ações de outras pessoas; e atividades sensoriais através de massagens coletivas que propiciassem a compreensão da estrutura e do funcionamento do corpo e dos elementos que compõem o seu movimento.

Este é o primeiro passo para o reconhecimento do instrumento de trabalho utilizado no teatro, ou seja, do corpo. Assim, segundo Boal (1980, p.134), é necessário “desfazer” as estruturas musculares dos participantes (...) desmontá-las, verificá-las, analisá-las (...) para que se tornem conscientes.

Para que possa dominar os meios de produção teatral, deve-se primeiramente conhecer o próprio corpo, para poder depois torná-lo mais expressivo. Só depois de conhecer o próprio corpo e ser capaz de torná-lo mais expressivo, o ‘espectador’ estará habilitado a praticar formas teatrais que, por etapas, ajudem-no a liberar-se de sua condição de espectador e assumir a de ‘ator’, deixando de ser objeto e passando a ser sujeito, convertendo-se de testemunha em protagonista (BOAL, 1980, p.131).

No capítulo que segue, analiso momentos da oficina em que a discussão e o debate sobre as questões propostas foram mais visíveis, o que os torna especialmente relevantes neste trabalho.



MOMENTOS DE ANÁLISE

Cuidando do Ovo

Num dos encontros, cada um dos jovens recebeu um ovo (de galinha) para cuidar. Nesse dia desenharam uma cara em seu ovo, deram-lhe um nome, atribuíram-lhe uma idade, e contaram aos outros integrantes do grupo quais as atividades que ele (o ovo) gostava de fazer, como se estivessem falando de seu filho.

Esse exercício é uma variação de uma técnica de criação de personagem em que se faz a *Entrevista com o Personagem*, na qual o aluno/ator deve improvisar as respostas sobre seu personagem e a partir das mesmas criar o perfil do personagem que vai representar. Nós nos apropriamos dessa dinâmica, mas aqui cada aluno falou as características de seu filho/ovo, de maneira que os incentivamos a improvisar as respostas no momento da fala e ainda a se aproximar afetivamente do ovo. Pela maneira como falavam do ovo, podíamos estabelecer que tipo de relação afetiva m criando com o mesmo. Este era um objetivo bastante importante para a continuidade da atividade.

Cada um ficou responsável pelo seu ovo, até o encontro seguinte. E no momento que lhes demos esse “presente” alertamos para a fragilidade daquele “ser”. Todos aceitaram o desafio, mas já comentaram sobre a dificuldade de levá-lo para casa sem quebrar. Demos a tarefa de cada um construir um lar para o seu ovinho, um cenário que ambientasse aquele protagonista.

Essa é uma atividade originalmente explorada em grupos que trabalham a gravidez na adolescência e nós a recriamos no intuito de propor a reflexão acerca das responsabilidades e dificuldades de cuidado próprio, que são aumentadas quando se tem que cuidar de outro ser, e ainda mais quando a mãe é portadora do vírus do HIV.

No sábado seguinte fizemos a apresentação dos *habitats* criados, e uma menina levou uma almofadinha costurada e cobertinha, mas o seu ovo era "outro". Aquele da aula anterior já havia sido quebrado num momento de descuido. Outra aluna fez uma casinha numa caixa de sapato, com cama, cortinas e armário. Mas o ovo dela também não durou até a terceira semana.

A partir destes fatos promovemos um debate a respeito dos cuidados que tiveram que ter com seus ovos, perguntando-lhes que pessoas estiveram envolvidas com esses cuidados. Ao que muitos responderam que seus pais lhes ajudaram nos cuidados. Logo, a discussão foi espontaneamente encaminhada para o assunto da gravidez em jovens, e lançamos a pergunta: Sob o ponto de vista biológico, como é possível engravidar? Uma jovem (de 16 anos) respondeu prontamente:

A gravidez é quando acontece uma relação sexual sem camisinha e um espermatozóide encontra o óvulo da mulher, isso pode acontecer mesmo que o menino tenha ejaculado fora da vagina da mulher. Pra não engravidar a mulher tem tomar a pílula anticoncepcional.

Pela resposta da jovem pudemos alertar que a gravidez pode ser fruto da falta de informação sobre saúde reprodutiva e métodos contraceptivos ou a falta de acesso a ele. Então lhes perguntamos sobre os métodos contraceptivos que conheciam e onde poderiam ser conseguidos. E percebemos clareza em suas respostas.

Ressaltamos que há necessidade de um homem e uma mulher para que seja gerada uma criança, e assim espera-se que haja igualdade em assumir responsabilidades por parte dos dois para que a mulher não engravide, ou no caso de a mulher engravidar. Uma das jovens contou que sua ginecologista lhe disse para tomar a pílula anticoncepcional e sempre usar camisinha, para não engravidar e não contrair doenças sexualmente transmissíveis, entre as quais o vírus do HIV.

Os argumentos que entraram no debate em relação ao tema foram o quanto sobra para os avós na criação de um bebê gerado por jovens; o fato

de que jovens estão descobrindo a si mesmos e em grande parte não tem maturidade para os cuidados com um ser frágil além de si próprio; a dificuldade de continuar a estudar; o custo e a quantidade de gastos que se tem na criação de um bebê, a possibilidade da mãe vir a falecer e não poder criar o filho no caso de ela ter HIV. Aproveitamos o interesse e expusemos ao grupo, a série de cuidados que a gestante soropositivo deve ter para proteger o feto em desenvolvimento.

Uma questão importante que expusemos no debate é de que não certo ou errado ter um filho, mas que depende de uma escolha pensada e planejada pesando todos os lados da situação. A forma como a gravidez em jovens é encarada pela sociedade varia ao longo da história e depende de fatores socioculturais.

A idade considerada apropriada para a procriação está relacionada à cultura de cada sociedade. No Brasil do século passado, por exemplo, a faixa etária entre 12 e 18 anos não tinha o caráter de passagem da infância para a vida adulta e as adolescentes eram consideradas aptas para o casamento. Não casá-las nessa idade era problemático para os pais. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008)

Por fim, após um debate construído em conjunto, concluímos a atividade com uma rodada onde cada um falou quais seus planos para os anos seguintes, e muitos falaram em trabalhar, viajar, estudar, namorar. Ter um filho não era a opção de ninguém do grupo. A reflexão e sensibilização a cerca desta temática tem importância em muitas instâncias, e segundo a Coordenação Nacional de DST e AIDS (p.09, 2000):

A gravidez e a maternidade precoce são os principais fatores de evasão escolar entre as adolescentes ou jovens entre 15 a 19 anos (PNDS/1996), concorrendo também para aumentar o baixo nível de escolaridade deste segmento da população.

Exponho essa atividade em particular, por ter sido um momento em que os jovens realmente se posicionaram demonstrando bastante interesse, ouvindo uns aos outros e colocando seus pontos de vista a respeito da situação sem timidez, trazendo exemplos conhecidos por eles ao debate.

Rede de Interações

Noutra atividade, a ser descrita, contemplamos as questões relacionadas a sexo, não apenas em seus aspectos biológicos, mas também em suas dimensões psicoafetivas e socioculturais, por entendermos a sexualidade como um fenômeno cultural, que possui historicidade e que é moldado por influências econômicas e políticas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, p.14, 2000).

O funcionamento dessa dinâmica se iniciou com todos os integrantes do grupo posicionados em círculo, lado a lado, em pé. Na condição de orientadora, com um rolo de barbante, disse a palavra SEXUALIDADE, e joguei o rolo para uma pessoa na roda, mantendo-me com a ponta do fio de barbante nas mãos. Em seguida a pessoa que o recebeu disse outra palavra, relacionada à primeira, e jogou o rolo de barbante a diante, mantendo segura outra parte do fio. Fizemos isto até que cada um já houvesse falado algumas vezes, o que nos deixou interconectados por fios formando uma mandala. Algumas das palavras ditas foram: orgasmos, dinheiro, seguro, dúvidas, carinho, sacanagem, criatividade.

A mandala ligava todos em uma rede de fios reais e palavras ditas relacionadas ao tema da sexualidade. Estávamos todos entrelaçados. Nesse momento a Janaína propôs uma dança dos fios, na qual todos tinham que fazer adaptações para que pudessem se mover sem forçar nem puxar ninguém. Colocamos uma música de fundo para proporcionar a desinibição



da "dança da rede". O estímulo musical levou os alunos a movimentações criativas que alcançaram com certa naturalidade, por ser a música uma referencia conhecida por todos. A mesma naturalidade pode ser observada em outras atividades em que utilizamos a musica como ferramenta sensibilizadora.

A relação entre corpo-música é tão presente e abrangente em nossa cultura, tão absolutamente endossada pelos diferentes meios de comunicação e convívio social, que se constitui num código de expressão corporal estabelecido e, portanto, aceito com mais facilidade e menor constrangimento por parte dos alunos (DIAS, 2009, p.21)

Quando a música acabou, soltamos os frios no chão, abaixo de onde estávamos colocados, e nos pusemos a observar por alguns segundos, e a distância, o *cenário* onde se passou a ação. Em seguida, propusemos a avaliação daquela atividade. Durante a avaliação os oficinasandos disseram que a teia de cordão é uma forma que permite visualizar que tudo é uma rede, como uma metáfora do mundo, que as coisas estão sempre interligadas, ou seja, *eu sou um pouco de ti*, e ninguém está isolado, e que há o tempo todo ação e reação.

Outra questão levantada pelos jovens foi a da diminuição das distâncias territoriais e a proximidade das pessoas no mundo de hoje, a *internet* foi citada como fonte de aproximação entre as pessoas. Muitos expuseram que conheceram alguns de seus *ficantes*⁷ pela *internet*. A partir deste exemplo, os oficinasandos trouxeram a questão referente à transitoriedade das relações, ou seja, de que os namoros não duram para sempre. A pessoa com quem se está *ficando* já teve relações anteriores, quando pode ter se exposto a sexo sem proteção por inúmeros motivos, o que possibilita a transmissão de doenças caso não se proteja.

⁷ Tipo de relação breve em que não há compromisso sério como no namoro, mas que envolve troca de beijos e, muitas vezes, relações sexuais.

Doença X Saúde

Para abrir os trabalhos de uma das tardes de oficina, a enfermeira Débora, integrante da equipe, colocou à disposição do grupo muitas canetas hidrocor, lápis coloridos, giz de cera e propôs que cada um em uma folha de papel (cartolina grande) desenhasse o que entende como “saúde”. Deixou-os pensar e desenhar em um tempo de 30 minutos. Depois pediu que desenhassem o que entendem por “doença”. Quando todos haviam terminado os desenhos, andamos pela sala observando-os, um por um. Uns alunos usaram uma cor, outros várias, um desenhou um caixão, outro o planeta Terra. Em seguida, Débora perguntou o que vimos nos desenhos. O primeiro comentário foi de como cada um fez coisas muito diferentes e foi bem este o ponto que ela buscou aprofundar, ou seja: que as noções de saúde e doença são muito variadas.

Débora pegou então um cartaz em branco e anotou tudo que cada um entendia por essas duas palavras a partir do que estava desenhado. Ali apareceram: ligadas à noção de “saúde”, as idéias de: *vida, árvore, verde, nascer, luz, pôr do sol, claro, boa alimentação, carinho, alegria, flores, reprodução, amor, cuidar, velhice, companhia, felicidade, banho no rio, limpeza, diversão, viver o momento, conseguir ser, família feliz, casa, natureza, bom humor, esperança, ajudar*; e vinculadas à noção de “doença”, as idéias de *sofrimento, dor, frio, triste, ruim, morte, vício, cigarro, bebida, grave, cinzas, sentimento, AIDS, violência, limite, guerra, medo, perdas, nojo, afastamento, sem cor, amarras*.

Notamos que as palavras vinculadas à saúde estão relacionadas ao sentido de bem estar físico, emocional (*bom humor, esperança, felicidade, amor*) e ambiental (*vida, árvore, verde, luz, pôr do sol*), de proteção pelos laços familiares (*família feliz, carinho, nascer*), pelos espaços domésticos (*casa*), pela educação formal (*conseguir ser*).

E que a noção de doença que apareceu nos desenhos de maneira geral está ligada à ação curativa, mais do que à preventiva. Explicitamos para o grupo esse dado e a partir do mesmo reflexionamos sobre os sintomas do portador do HIV.

Normalmente as pessoas que contraem o vírus do HIV apresentam logo em seguida sintomas equivalentes ao de uma gripe comum não atribuindo importância ao fato. Somente passados alguns anos, geralmente entre oito a dez anos depois de se ter contraído o vírus, quando o sistema imunológico se debilita, e que os sintomas ficam evidentes em função diminuição do número de linfócitos T CD4 que são as células de defesa do organismo, é que as pessoas procuram cuidados médicos.

Assim, alertamos sobre a necessidade de se agir de maneira preventiva em relação às doenças, pois algumas, entre elas o HIV, têm poucos sintomas até que se esteja com o organismo debilitado.

Logo em seguida, a orientadora apresentou a sua cartolina contendo algumas noções sobre o tema do ponto de vista dos profissionais que lidam com a saúde e a doença. O esquema era assim elaborado:

Doença: perda (total ou parcial) do EQUILÍBRIO físico, mental ou social por causas externas (como bactérias, fungos, vírus, etc.) ou internas.

Saúde: o completo BEM-ESTAR físico, mental e social. Não apenas a ausência da doença. Saber viver: respeito ao outro, solidariedade, ajuda/apoio.

Improvisações sobre os temas

Depois de havermos discutido algumas vezes, através das atividades já relatadas, pontos referentes à sexualidade, prevenção, gravidez, menstruação, saúde e doença; propusemos a criação de cenas com estas temáticas. Dividimos a turma em três grupos e cada grupo ficou responsável,

através de sorteio, por uma delas. Para ajudá-los a construir o diálogo lhes demos algum tempo para criação e emprestamos materiais escritos com explicações sobre os temas mote para a cena.

Como recurso teatral didático, após a primeira apresentação das cenas, sugerimos aos alunos que as repetissem sem falas, depois com *blablação* (SPOLIN, 2005, p.336) e ainda com apartes dos personagens onde estes falavam para o público como se sentiam em relação a situação desenvolvida na cena enquanto os outros personagens estavam *congelados*.

As cenas realizadas geraram debate acerca tanto de seus aspectos técnicos como sobre suas temáticas. Em uma delas, por exemplo, foi abordada a revelação do homossexualismo de um jovem para sua família, onde eles reproduziram conceitos contidos na sociedade quando se depara com uma situação similar. Assim pudemos conversar em conjunto, após as apresentações, sobre como eles vêem estas questões; principalmente tratamos do preconceito e como lidar com o mesmo.

Intervenção Cênica no parque ou Criando Sentidos

Nos últimos encontros nos dedicamos aos ensaios de uma montagem cênica com os adolescentes para apresentação no dia mundial de luta contra AIDS na Praça da ENCOL⁸ e na Casa de Cultura Mário Quintana⁹. O desenvolvimento da montagem teve embasamento nos conhecimentos



⁸ A Praça Carlos Simão Arnt, localizada no Bairro Bela Vista em Porto Alegre, é conhecida como da Encol por ter sido adotada pela empresa durante um período.

⁹ A Casa de Cultura Mario Quintana é uma instituição ligada à Secretaria de Estado da Cultura / Governo do Estado do Rio Grande do Sul, seus espaços tradicionais estão voltados para o cinema, a música, as artes visuais, a dança, o teatro, a literatura, a realização de oficinas e eventos ligados à cultura.

adquiridos ao longo do processo pedagógico da oficina.

Propusemos às meninas que estavam envolvidas na montagem (nessa altura o grupo já estava constituído apenas de mulheres) que esta fosse construída a partir de momentos de jogos feitos ao longo do ano. Elas se interessaram pela proposta, o que nos levou a repetir jogos que antes haviam tido momentos surpreendentes. Na repetição foi criado um novo material, e a partir deste, selecionamos alguns que poderiam ser levados à cena. A escolha dos jogos utilizados na montagem foi feita em conjunto, a partir de sugestões do grupo.

Durante o processo os jovens participaram da criação em todas as áreas relacionadas ao espetáculo, como: cenário, figurino, maquiagem, sonoplastia, atuação e coreografia. Sobre o trabalho coletivo Spolin (2005, p.8) aponta que:

Um relacionamento de grupo saudável exige um número de indivíduos trabalhando interdependentemente para completar um projeto, com total participação individual e contribuição pessoal. Se uma pessoa domina, os outros membros têm pouco crescimento ou prazer na atividade, não existe um verdadeiro relacionamento de grupo.

Utilizamos o exercício do espelho simples em que, em duplas, e posicionados frente a frente, um é a imagem e o outro o reflexo. Assim, o primeiro “inicia uma série de movimentos e expressões fisionômicas em câmera lenta que devem ser reproduzidos nos mínimos detalhes pela imagem que tem em frente” (BOAL, 2008, p.173).

Outra atividade que aproveitamos para a encenação foi a que o grupo se coloca em círculo e uma pessoa que está no centro se move de acordo com estímulos sonoros feitos pelos colegas. Essa atividade possibilitou uma gama de reações corporais, o que levou os espectadores, durante as apresentações finais, a reconhecerem diversas situações reais apenas pela sonoridade e movimentação corporal dos alunos.

Também adaptamos uma atividade em que se improvisava a partir da relação dos alunos/atores com objetos. Nesta atividade nós dispusemos diversos objetos no centro sala, tais como luvas, relógio, pente, espelho, cartas, leque, camisinha e batom. E todos se puseram a observar antes de escolher um objeto. Colocamos uma determinada música a fim de criar o clima que possibilitasse uma atmosfera onírica, como se estivessem em um sonho. Cada um escolheu um objeto, pegou-o e se relacionou com o mesmo utilizando-o da maneira habitual. Depois inventaram novas utilidades para os objetos e apresentaram aos colegas. Muitas relações interessantes foram criadas, por isso decidimos usá-las no espetáculo final.

A junção destes exercícios possibilitou uma dramaturgia que sugeria diversas interpretações por parte tanto dos atores como dos espectadores, não havia uma história sendo contada literalmente, o que estava em destaque eram as relações entre os jogadores.



O QUE FICOU...

No período em que foi realizado o projeto, nós estávamos começando a vida acadêmica e iniciando nossas experiências como professores. Portanto, naquele ambiente experimentamos pela primeira vez muitas idéias que tínhamos e que estávamos ansiosos para por em prática.

Mesmo buscando suporte em leituras, discutindo o tema em equipe e buscando orientação de professores, sabíamos que não poderíamos *acertar na mosca* em cem por cento das atividades que propúnhamos. Por saber que ao se trabalhar com o material humano não existe a tal perfeição idealizada e que justamente as incertezas possibilitam um movimento tão bonito na relação entre o plano e a prática.

Houve vezes em que empolgados propusemos certas atividades, que não surtiram o mesmo efeito nos oficinandos. Em outros momentos eles nos mostraram coisas que não esperávamos e tivemos que adaptar as propostas porque o que eles traziam era mais interessante do que o que tínhamos planejado trabalhar.

Ainda assim, muitas propostas funcionaram, e as que não ocorreram conforme o planejado, ou se transformaram, assumindo formas interessantes, mesmo não sendo a que esperávamos, ou serviram para reformularmos e repensarmos o planejamento das experiências futuras.

Na mosca!

A realização do Projeto Vida Positiva! Arte Educação na Prevenção das DST/HIV com Adolescentes gerou contribuições em vários aspectos tanto para osicineiros como para os oficinandos.

Pudemos ter a certeza de que a atitude básica mais produtiva no trabalho de prevenção é a que abre espaço de comunicação e troca com o

objetivo de ajudar os jovens a crescer e a se desenvolver para serem sujeitos de sua vida. Aprendemos que é fundamental legitimar suas opiniões, ouvi-los, conversar, abrir espaço para a reflexão, sem oferecer fórmulas prontas ou empurrar valores que consideramos mais corretos.

Dá mais certo quando pensamos no encontro de duas pessoas em momentos diferentes de crescimento e desenvolvimento pessoal. Não vamos *trabalhar* os jovens, mas *estar com eles*. (...) Ao invés de professor e aluno ou adulto e adolescente, pessoa e pessoa. Só podemos ensinar respeito sendo respeitosos em nossas relações estabelecendo um clima afetivo e de confiança. Neste campo carregado de intensidades (tabus, ideologias, controvérsias, sem muita história ainda), são fundamentais os espaços de reflexão conjunta. (PAIVA, PERES & BLESSA, 2002)

A relação de horizontalidade que guiou o trabalho que realizamos proporcionou muitos ganhos na relação do grupo como um todo, possibilitando aos participantes adentrar numa atmosfera de integração e liberdade ao expor-se durante o processo das oficinas.

Durante o projeto estimulamos à criação artística, o que gerou a sua valorização por parte dos jovens. O estudo e aprofundamento dessa linguagem passaram a ser vistos pelos jovens como possibilidade de profissão a seguir. Isso se traduziu na escolha de uma oficinanda, que após o término do projeto prestou vestibular para o curso de Dança e passou. Segundo ela, durante as oficinas ela percebeu que poderia fazer dança não apenas como *hobbie*, e que na universidade poderia vir a aprofundar seus conhecimentos na área e trabalhar, assim como nós, como artista e professora.

Tente outra vez

Quando nos propusemos a ministrar oficinas de artes e relacioná-las ao tema da saúde com um grupo de jovens, não levamos em consideração um

fator que segundo Augusto Boal pode ser um grande aliado. Ele diz que há uma maior aceitação e familiaridade quando o contato inicial se dá através de um oficineiro que pertença à mesma classe dos oficinandos (BOAL, 1980), mas no nosso caso, nós, oficineiros, advínhamos de outra realidade, diferente do mundo da maioria dos que vieram às oficinas, o que muitas vezes dificultou a relação, por não termos vivenciado as mesmas experiências nos mesmos ambientes que eles em nossas realidades. E por este fato deixamos de aprofundar algumas questões que eles traziam por não termos tido experiência nessas anteriormente. Essa dificuldade se mostrou presente quando houve a vinda de um grupo de meninos às oficinas que nas suas improvisações falava de masturbação e sexo selvagem no banheiro do bar e traição.

Poderíamos ter aproveitado justamente suas ânsias em falar sobre os temas e tê-los instigado tanto a repetir e recriar cenas com este mote, como sugerir que falassem mais sobre suas experiências no assunto em mais momentos, para, a partir das mesmas, questionar os cuidados e reflexões que fazem sobre elas. Pela nossa pouca experiência acabamos deixando passar este *prato cheio* que eles nos estavam oferecendo.

Na elaboração do projeto planejamos que fossem realizadas apresentações em escolas da Rede Pública, dialogando com público adolescente e socializando os conhecimentos sobre o tema, tornando-os conscientes das ações preventivas e aptos a multiplicar essas informações “para além dos muros da escola”. Essas apresentações ficaram apenas no plano das idéias, pois houve um grande trânsito de jovens pela oficina, o que impossibilitou-nos de dar continuidade aos trabalhos e por isto começamos tardiamente o processo de criação de um produto artístico.

Ainda assim, com essas dificuldades criamos um produto artístico que foi apresentado em duas ocasiões distintas. A composição deste priorizou noções que haviam sido desenvolvidas ao longo do ano na oficina. Este fator facilitou a participação dos jovens do grupo, pois não os fizemos criar

rapidamente algo novo, mas adentrar em terreno conhecido e seguro onde já haviam pisado antes. Com essa segurança puderam se entregar à proposta divertindo-se ao fazê-la.

Refletindo sobre as possíveis causas da instabilidade na frequência dos participantes da oficina, acreditamos que haja uma relação com a necessidade de trabalharem nos finais de semana e ou não terem como ir ao local da oficina por falta de dinheiro para a passagem. O projeto previa verba para as passagens de ônibus dos participantes, mas a maneira como as disponibilizamos aos jovens não foi bem sucedida. Nós lhes dávamos as passagens referentes a ida e a volta, na hora em que chegavam à oficina e isso dificultou a ida daqueles que não tinham dinheiro nem passagem para ir.

Alguns dias atrás, em virtude de uma Festa Junina realizada pela ONG *Mais Criança*, encontrei com três meninas que participaram da oficina desenvolvida no Projeto Vida Positiva! Havia quase três anos que não nos encontrávamos e elas estão em uma fase de desenvolvimento em que esses anos fazem muita diferença em relação a seus aspectos físicos (elas cresceram e têm entre 17 e 19 anos, os corpos se transformaram imensamente). Elas foram do grupo que parou de frequentar as oficinas em virtude de seus trabalhos e mesmo assim assistiram a apresentação criada pelos participantes do projeto. A primeira pergunta que me fizeram quando nos encontramos foi quando haveria novamente o "projeto de fazer teatro". Disseram estar interessadas em participar, caso ocorra outra versão. Eu fiquei feliz em saber, pois penso que pode ser bastante produtivo realizar outro projeto do gênero, agora com a experiência adquirida através das reflexões sobre a primeira versão.

Durante o curso do projeto pudemos perceber, em acordo com Freire (1996), que "ensinar exige a convicção de que a mudança é possível", exige percepção de si mesmo e do mundo. Pois vivenciar a arte é vivenciar a transformação do indivíduo e do coletivo, é acreditar em novos paradigmas e desenvolver uma nova possibilidade de estar no mundo.

Nessa perspectiva, a arte é uma ferramenta eficaz para reflexão do indivíduo perante a sociedade, bem como instrumento na manifestação de suas idéias e sua liberdade de pensar e agir. A arte não é mero objeto de apreciação: é fruto de um processo que, através da sensibilização e do reconhecimento da força de expressão de cada um, culmina em autoconhecimento, propiciando autonomia para transgressão e intervenção do indivíduo no seu âmbito social.

REFERÊNCIAS

AYRES, J.R.C.M. **Práticas educativas e prevenção de HIV/AIDS**: lições aprendidas e desafios atuais. *Interface_Comunic, Saúde, Educ*, v.6, n.11, p.11-24, 2002.

_____. **O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser**: a vulnerabilidade como eixo de avaliação de ações preventivas do abuso de drogas, DST e AIDS entre crianças e adolescentes. In: Devanil Tozzi. (Org.): 2000.

AYRES, JÚNIOR, CALAZANS. **AIDS, Vulnerabilidade e Prevenção**. II Seminário Saúde Reprodutiva em Tempos de AIDS. Instituto de Medicina Social da Universidade do Rio de Janeiro, 1997.

BARBOSA, CARMONA. **Teatro**: atuando, dirigindo, ensinando. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

Coordenação Nacional de DST e AIDS. **Prevenir é sempre melhor**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro e pensamento** - As bases intelectuais do teatro na educação. 1968.

DIAS, Leonardo. **Ladrões, Uga-Bugas e Minuetos**: experiências musicais como via de aprendizado e criação em teatro. Trabalho de Conclusão de Curso UFRGS, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, 1996.

GAMA, Joaquim. **Produto ou processo**: em qual deles estará a primazia? Sala Preta. ECA/USP 2002 nº2.

LOPES, Joana. **Pega Teatro**. Campinas: Papyrus, 1989.

MONTEIRO, Simone. **Qual prevenção?** AIDS, sexualidade e gênero em uma favela carioca. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

PAIVA, PERES, BLESSA. **Jovens e adolescentes em tempos de AIDS reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção.** Psicol. USP vol.13 no.1. São Paulo, 2002.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Atenção! Crianças brincando! In: CUNHA, Susana Rangel Vieira. **Cor, som e movimento:** a expressão plástica, musical e dramático no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____. **Brincadeira e Conhecimento:** do faz-de-conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SODELLI, Marcelo. **Escola e AIDS:** um olhar para o sentido do trabalho do professor na prevenção à AIDS. Tese de Mestrado PUC/SP, 1999.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

VASCONCELLOS, Luis Paulo. Dicionário de Teatro. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ANEXOS



Cartaz de Divulgação

Projeto Vida Positiva!

Arte-educação para prevenção de DST e HIV

INTRODUÇÃO

A epidemia HIV/AIDS revela ampla disseminação mundial, não apresentando identidade étnica, sexo, classe social, idade ou orientação sexual. Nos últimos anos tem-se observado uma alteração em seu padrão epidemiológico demonstrada por uma maior intensificação dos processos de interiorização, juvenização, pauperização e feminilização, tornando expressivo o aumento dos casos de AIDS em adolescentes.

Consideramos que os adolescentes encontram-se em pleno desenvolvimento necessitando de abordagens qualificadas, em relação à AIDS (revelação do diagnóstico, aconselhamento, adesão ao tratamento), à sexualidade (via de transmissão, afetividade, prazer), ao uso e abuso de álcool e drogas, às questões relacionadas a gênero, raça, etnia, inserção social, desigualdade social, aspectos éticos e legais, família e adoção, gravidez na adolescência, entre outros aspectos.

OBJETIVOS

Articular e mobilizar jovens da comunidade porto-alegrense para criação de um grupo de integração e troca de experiências a partir de realidades relacionadas a soropositividade em suas vivências pessoais (jovens que vivem e convivem com HIV/Aids).

Formar um **grupo artístico-multiplicador** na prevenção da DST/HIV e do uso de drogas para apresentar em **escolas públicas da cidade de Porto Alegre**, a fim de multiplicar, **através da arte**, prevenção DST/HIV e do uso de drogas. Bem como minimizar questões como preconceito, discriminação, estigma e estereótipos construídos socialmente na trajetória da epidemia do HIV/Aids.



Folder de Divulgação

MÉTODOS

Percebemos a necessidade de espaços próprios para adolescentes para que possam discutir questões muito peculiares dessa fase do desenvolvimento humano, como sexualidade, autocuidado, percepção de corpo, adesão à terapêutica, entre outras tantas.

Assim a partir de referencial teórico-prático de diferentes áreas da arte - música, teatro e dança; realizamos oficinas semanais com adolescentes soropositivos para o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), de ambos os sexos de 13 a 19 anos e, também, adolescentes, independentes de sua condição sorológica ao HIV, que frequentam escolas públicas da cidade de Porto Alegre.



Oficina



Oficina

RESULTADOS

O projeto está sendo desenvolvido no município de Porto Alegre em rede de parcerias com sociedade civil, serviços de atendimento à saúde e escolas públicas. As montagens cênicas construídas durante os encontros são apresentadas em datas comemorativas e espaços públicos da cidade de Porto Alegre.



Realização de montagem cênica



Realização de montagem cênica

CONCLUSÕES

Vivenciar a arte é vivenciar a transformação do indivíduo e do coletivo, acreditar em novos paradigmas e desenvolver uma nova possibilidade de estar no mundo. A arte é uma das ferramentas mais eficazes para reflexão do indivíduo perante a sociedade, bem como instrumento na manifestação de suas idéias e sua liberdade de pensar e agir. A arte não é mero objeto de apreciação: é fruto de um processo que, através da sensibilização e do reconhecimento da força de expressão de cada um, culmina em auto-conhecimento, propiciando autonomia para transgressão e intervenção do indivíduo no seu âmbito social.

Autores: COELHO, Débora Fernandes; KREITZMANN, Viviana Schames; SANTOS, Gyan Celah dos; FRÖHLICH, Martina; NOCCHI, Janaina Martins
Grupo de Apoio à Criança Soropositivo - MAIS CRIANÇA. Porto Alegre - RS. E-mail: vivi.sk@terra.com.br

Pôster apresentado na III Mostra Nacional de Saúde e Prevenção nas Escolas em Florianópolis (SC) em junho de 2008.



Fotos da apresentação dos jovens do Projeto Vida Positiva! no Dia Mundial de Luta conta AIDS na praça da ENCOL em Porto Alegre.